

Trimestral
Genebra
Suíça
Ano VII
Outubro
2007
Bilingue

Distribuição gratuita

Pessoas

n°27

encontros culturais

Análises

José Lemos

Comentários

Contos

Crónicas

Entrevistas

Eventos

Galeria

Opiniões

Poesia

Roteiros



Jornalista, repórter e cenógrafo



**BANCO
ESPIRITO
SANTO**

Quem
sabe, sabe
e o Cristiano
Ronaldo
é que sabe



BES RESIDENTES NO ESTRANGEIRO

Nada faz dinheiro como o verdadeiro talento. Que o diga o Cristiano Ronaldo que na altura de investir sabe que a melhor estratégia é passar a bola a quem sabe: o BES. O banco com as melhores soluções de investimento especialmente concebidas para quem vive no estrangeiro e procura as melhores rendibilidades. Desde produtos com capital garantido, taxa fixa ou taxa variável, de curto, médio ou longo prazo, até soluções para a reforma, o BES tem sempre a opção certa. Além disso, é bom saber que o BES tem um gestor disponível a qualquer hora em qualquer parte do Mundo. Assim, não é de admirar que, como o Cristiano Ronaldo, na altura de investir o seu dinheiro, muitos portugueses residentes no estrangeiro passem a bola a quem sabe.

Consulte-nos e **SAIBA COMO GANHAR UMA BOLA** assinada pelo Cristiano Ronaldo.

Av. de Montchoisi, 15 - 1006 Lausanne

Tél. +41 21 614 00 14 • Fax: +41 21 614 00 15

Câmbio +41 21 614 00 16

E-mail: emigr@bes.ch • **BESDIRECTO: 008000 24 7 365 0**

WWW.BES.PT

Pessoas

ficha técnica

Propriedade
L.C.

Director
António Pinheiro

Edição
A.P.I.C.

Chefe de Redacção
Luz Neto

Redactores permanentes
António Louçã
Benjamin Ferreira
Catarina Reis
Mafalda Oleiro
P. Bártolo
Rosa Adanjo

Colaboraram neste número
Aderbal Xisto Gomes
Álvaro Relva
Gabriela Silva
Luís Florêncio
Luísa Costa
Lurdes Trindade
Manuel Bernardo
Miguel Neves Passarinho
Rose-Mary Magnin
Susana Paiva

Grafismo e Paginação
Eduardo Pinho

Fotografia
António Pinheiro
Mário Pereira
Octávio Xisto

Publicidade
Gabriel Bettencourt

Pessoas magazine
CP 1877
1211 Genève 1

Bd. James Fazy 18
1201 Genève Suisse
Tel +41 22 738 85 25
Fax +41 22 738 88 37
pessoasmagazine@bluewin.ch

Periodicidade trimestral
Assinatura
20 frs / ano – Suíça
40 frs / ano – Europa
Tiragem deste número
5.000 exemplares

Distribuição gratuita

Leia a **Pessoas** na internet
www.espacoportugues.ch
www.livraria-camoes.ch

sumário

- 4-5 ----- Editorial
- 6 ----- Imagens à toa
- 7 ----- Aniversários
- 9 ----- Via láctea
- 10 ----- Notas Soltas
- 12 ----- John Wayne
- 14 ----- Emigração – Princípio e fim de uma história
- 17 ----- Paris na minha vida
- 18 ----- Com os calções nas mãos no céu de Linhares
- 21 ----- Observatório de Genebra
- 23 ----- Entrevista, José Lemos
- 33 ----- A Alfabetização dos adultos
- 35 ----- Sapatos pretos
- 36 ----- Quem não trabuca não manduca
- 38 ----- J'aime pas Sarkozy
- 40 ----- Portugueses de diáspora – João Heitor
- 42 ----- Roteiros – Coppet
- 45 ----- Brigada Ligeira
- 46 ----- Endereços úteis



Pessoas

Distribuída na Suíça por



LEDOSA

JOSÉ ANTÓNIO LEDO

Distribuidor, em toda a Suíça, da imprensa portuguesa e espanhola

Rue des Gares • 1201 Genève • Tel: 022 740 42 20 • 022 740 20 73 • Fax: 022 740 42 22

Et voilà, le Traité de Lisbonne a été signé. Nos acteurs ont brillé sur scène (encore bien), pour une Europe qui de plus leur a donné du crédit. Le contresigner, maintenant, est hors de question. Le sera-t-il?

Tandis que le niveau de popularité de notre premier ministre grandit à l'étranger, dans le pays il est en chute libre.

Nous sommes des ingrats! Pourquoi protester contre le travail précaire? Contre l'attente dans les offices publics? Contre les services de santé qui ne fonctionnent pas? Contre les médicaments plus chers? Contre les écoles "inclusives", où manquer les cours n'a pas d'influence pour passer d'une année à l'autre, où le statut de l'élève donne lieu à l'impunité? Contre l'aggravation des conditions sociales de ceux qui vivent au seuil de la pauvreté? Contre les retraites de misère et l'injustice sociale?

Néanmoins ne soyons pas mécontents! Pour vouloir vivre au-dessus de nos possibilités, nous nous endettons dans les banques privées. Cela n'a pas de sens! La Banque du Portugal résout le problème: elle fait du crédit, même sans être une institution à cette fin, cela est notoire. Pour quelle raison Victor Constâncio donne-t-il des "benesses" seulement à quelques-uns? C'est honteux, Messieurs les Administrateurs de la Banque du Portugal. Ayez de la dignité!

Nous le peuple, nous accommodons, apathiques, anesthésiés. Nous avons baissé les bras devant tant d'impunité, tant d'autodétermination du gouvernement. Il est bien loin le temps où les grandes manifestations de rue reformulaient pouvoirs et politiques.

Avec cet objectif – reformuler le contrat de travail et restituer les privilèges perdus – les deux grands syndicats suisses UNIA et syna ont rassemblé des milliers de travailleurs en grandes manifestations à Berne, Neuchâtel et Genève. Les ouvriers du bâtiment ont fait grève. Grève qui, il y a bien peu de temps, n'avait pas de sens dans la Confédération. Le "bras de fer" avec le patronat va sûrement être suivi d'effets.

Ce qui n'obtient pas d'effet, c'est l'éternelle demande de mettre le portugais comme langue d'option, tel que l'anglais, dans un curriculum scolaire suisse. Si introduire les trois langues officielles du pays est déjà un casse-tête, il est utopique de vouloir en introduire d'autres. Cependant, nos représentants semblent être bloqués sur cette question. Réfléchissons bien sur la structure scolaire du pays, pour ne pas être ridicules.

Le *Courrier* du 31 octobre 2007, titrait en première page: "Les échecs des élèves portugais expliqués par leur classe sociale" (développement de l'article, page 3). La communauté portugaise a certainement "vu rouge" quant à l'attitude de nos autorités qui étaient d'accord avec l'évaluation de la CDIP suisse: *les familles portugaises qui s'installent en Suisse sont généralement d'une origine socioculturelle très modeste pour ne pas dire plus* – (souligné par moi); ... est une communauté "sans tête"... ne dispose d'aucune élite qui pourrait lui servir de modèle".

Il est encore dit que le retour des cadres intellectuels au Portugal, après la Révolution des Œillets, laisse la Communauté constituée "désormais" de familles modestes, "à peine alphabétisées". Cela pour justifier le faible résultat scolaire de nos élèves et l'important nombre de jeunes qui fréquentent "les classes spéciales".

Auraient-ils fait une vraie enquête dans la Communauté? Nous ne le croyons pas. Mais quand les autorités portugaises, présentes aux débats, laissent dénigrer ainsi la Communauté, nous nous demandons: pourquoi voudraient-elles se faire des ennemis?

Profitez des jours ensoleillés de cet automne pour porter un toast à saint Martin et, au coin du feu, fraternisez en famille.



Pronto! O Tratado de Lisboa foi assinado. Os nossos actores brilharam em palco (ainda bem), para uma Europa que mais os credibilizou. Referendá-lo, agora, passa a estar fora de questão, será? Enquanto os níveis de popularidade do nosso primeiro-ministro, crescem, lá fora, no país, estão em queda livre.

Somos uns ingratos! Porquê protestar contra o trabalho precário? Contra o moroso atendimento nas repartições públicas? Contra o serviços de saúde que não funciona? Contra os medicamentos mais caros? Contra as escolas “inclusivas” onde faltar às aulas não tem influência para transitar de ano e onde o estatuto do aluno dá margens à impunidade? Contra o agravamento das condições sociais dos que vivem no limiar da pobreza? Contra reformas de miséria e injustiça social? Ora, não estejamos desagrados! Querer viver acima das nossas possibilidades, endividarmo-nos na Banca privada? Não tem sentido! O Banco de Portugal resolve o problema: dá crédito! Mesmo sem ser Instituição para tal, é público, de todos nós. Por que motivo Vítor Constâncio só dá, então, *benesses*, a alguns? É vergonhoso, senhores administradores do BP. Haja dignidade!

O povo, nós, acomodámo-nos, apáticos, anestesiados. Já baixámos os braços perante tanta impunidade, tanto autismo do Governo. Já vai longe o tempo em que as grandes manifestações de rua, reformulavam poderes e políticas.

Com esse objectivo - reformular o contrato de trabalho e reposição de regalias perdidas – os dois grandes sindicatos suíços *UNIA* e *syna* congregaram milhares de trabalhadores em grandes manifestações em Berna, Neuchâtel e Genebra. O operariado da Construção Civil fez greve. Greve, que há ainda pouco tempo não tinha sentido, na Confederação. O braço de força com o patronato vai sortir efeito, com certeza.

O que não surte efeito é a eterna petição de pôr o Português como Língua de opção, tal como o Inglês, no *curriculum* escolar suíço. Se já é um quebra-cabeça conseguir introduzir as três línguas oficiais do país, mais utópico se torna agendar mais outra. Porém, os nossos representantes parecem ter bloqueado nessa ideia. Atente-se bem na estrutura escolar do país, para não sermos ridículos.

O *Le Courrier* (31/10/2007) titulava em primeira página: *Les échecs des élèves portugais expliqués par leur classe sociale* (desenvolvimento do artigo, pág. 3).

Com certeza que a comunidade portuguesa “*voit rouge*”, quando a postura das nossas autoridades pactuam com a avaliação da CDIP suíça: *les familles portugaises qui s’installent en Suisse sont généralement d’une origine socioculturelle très modeste pour ne pas dire plus* (sublinhado meu); ... *est une communauté “sans tête”... ne dispose d’aucune élite que pourrait lui servir de modèle*

Apona, ainda, o regresso dos “Quadros Intelectuais”, a Portugal, após a Revolução dos Cravos, ficando a comunidade constituída “*désormais*” por famílias de origem modesta “*à peine alphabétisés*”. Isto para justificar os fracos resultados escolares dos nossos alunos e o desmesurado número de jovens que frequentam as “classes especiais”.

Teriam feito um verdadeiro rasteio da comunidade? Não acreditamos. Mas quando autoridades portuguesas, presentes no debate, deixam denegrir assim a comunidade, pergunta-se para que quer ela inimigos.

Aproveitem os dias ensolarados de Outono para brindar ao São Martinho e o calor das lareiras para confraternizar com a família.

António Pinheiro

Ler a **Pessoas** é saber mais!

Imagens à toa



Apetecia-me escrever-lhes uma crónica sobre a importância das férias e da leitura das revistas coloridas no cumprimento de um dos mais importantes direitos de cada um de nós: o direito à preguiça. Apetecia-me dizer-lhes que o verão é aquela estação do ano em que os preconceitos ficam esquecidos na gaveta das coisas velhas a cheirar a inquisição. Por isso, o Verão permite-nos apreciar imagens reais de vistosas “deusas” de escritório com fios pendurados no pescoço.

Tudo seria de uma banalidade pequenina se a tal “deusa” não tivesse uma pesada cruz de Cristo pendurada no fio que mergulhava, placidamente, nos seios bronzeados e abastados. Aqueles que esperavam avançar para o balcão da repartição, viram a silenciosa imagem em sesta antecipada. E ninguém ouviu protestos, que se saiba, nem da cruz, nem da Igreja e muito menos, de todos aqueles que admiraram tão “sacrílega” aliança.

Apetecia-me, repito, escrever-lhes coisas assim, leves, coloridas de imagens e sugestivas de imaginação. Mas disseram-me que não, que não valia a pena aprofundar as relações de deuses a sério com deusas de brincar, dos arranjinhos entre pessoas e culturas, de literaturas ousadas com evangelhos mais modestos, diria Saramago ou ainda, de infernos conhecidos como sói dizer Lobo Antunes. Nada disso me foi autorizado. Pediram-me que escrevesse sobre a imagem, a sociedade da imagem, da TV, das revistas, dos jornais ilustrados, dos cartazes, dos anúncios ousados e das púdicas manifestações de crenças em papéis de anúncio. Ou seja, a ordem, aparentemente natural, das coisas, transmitida pelas imagens, parece resumir-se a um “tratado de paixões” visuais, vividas e sentidas a contratempo e a contra luz. E elas – as imagens – estão por toda a parte. Como se fossem piolhos ou carraças que se agarram à pele do tempo para

provocarem, ainda, mais comichão na memória, nos instantes de descanso, e mais barulhos nos momentos de silêncio.

Experimente ficar sem elas (as imagens) durante uma tarde, uma noite, um dia, por exemplo. Deixe a televisão calada, num canto da sala, durante uma tarde, uma noite, um dia, um fim-de-semana. Verá que ganhou em calma, que viveu mais para si e que, por cima, participou na construção de um espaço de silêncio e de leitura da vida, pelo menos. Faça análogo exercício com os cartazes da rua, com os quadros que tem em casa, pendurados na parede e com as milhares oportunidades de dar uma vista de olhos pelos jornais, revistas e tantas outras folhas de papel que encontra na caixa do correio.

Esqueça-as, por momentos. Sofra de uma amnésia calculada e oportunista.

Ou se prefere ter um papel mais activo, pegue na máquina fotográfica e saia para a rua. Abra bem os olhos, veja a quieta beleza das coisas na luz da manhã, encha os pulmões de serenidade, aponte a objectiva, suspenda a respiração e... dispare. Aí, passou de espectador a actor, a produtor das suas próprias imagens. Podem não ser tão bonitas como as das actrizes da Vila Faia ou da Floribella II. Mas são suas, feitas e produzidas com a sua inteligência e com a sua sensibilidade.

Inteligência e sensibilidade, são duas ferramentas indispensáveis para que possa comparar, analisar e avaliar as imagens que lhe entram pela janela, pela porta ou pelo computador adentro. Por isso, quando se sentar diante da TV ou der uma olhadela aos cartazes da rua, lembre-se que as imagens e as emoções que elas provocam deveriam dar mais qualidade, mais beleza e mais harmonia à sua vida. Ou não dão, em muitos casos, mais despesa e mais preocupações interiores?

Aniversários

Em 9 de Outubro comemorou-se o 40º aniversário do assassinio do “Che” na selva boliviana; em 7 de Novembro o 90º aniversário da revolução russa – a revolução de Outubro aconteceu em Novembro do nosso calendário.

Uma e outra têm sido comemorações destas que tratam de pôr uma pedra sobre o assunto. O “Che” recebe homenagens de quase todos os quadrantes, na qualidade de símbolo dum tempo perdido, de idealista indomável e impróprio para imitações actuais. O mais que parece ter ficado dele para esta posteridade desconsolada é, reproduzida em milhões de *t-shirts*, a expressão em que o surpreendeu a objectiva de Alberto Korda.

A memória da revolução russa, essa, parece ainda mais obsoleta que a do “Che”. Os *mujiks* analfabetos que vemos nas fotos da época prestam-se muito menos a iconografias românticas que o revolucionário argentino e cubano. A vitória da insurreição bolchevique é meio século mais velha que o último combate do “Che”. A ruralidade da Rússia de 1917 já na altura levava vários sábios social-democratas a sentenciarem que aquela era uma revolução anacrónica e que nos países da Europa civilizada nunca iria suceder nada de comparável.



Hoje, é a própria componente industrial do bloco revolucionário russo que se vê posta em causa. Desde o saber académico até à opinião publicada, existe um larguíssimo consenso para afirmar que também o proletariado industrial é uma espécie em vias de extinção. Se a revolução russa já era obsoleta por ter demasiados camponeses nas fotografias, agora passa a sê-lo também por ter demasiados operários fabris. O século XXI, dizem-nos os nossos sábios, é o da classe média, dos serviços, do sector terciário. Nas sociedades de hoje já não há lugar para proletários nem para revoluções.

Outra prova da obsolescência da revolução, acrescentam ainda, é a concentração do poder económico, político e militar nas mãos duma única superpotência. Com a hegemonia norteamericana, acabaram as guerras mundiais, essas parceiras de revoluções. Não que a bipolaridade do mundo anterior à queda do Muro de Berlim

PESSOA



Café Littéraire

simplesmente diferente



Aniversários

alguma vez tenha atrapalhado os nossos *opinion makers*: já em vésperas desse terramoto político um funcionário do Departamento de Estado norte-americano, Francis Fukuyama, decretava o fim da História, significando com isso o fim das revoluções. Ainda a sentença mal acabara de ser debitada, e a velha toupeira da revolução emergia para desmentir Fukuyama em Berlim, Praga, Bucareste.

Passada uma década e meia sobre esta *gaffe* de antologia, o negacionismo das revoluções voltou à carga, desta feita com uma nova versão das teorias kautskianas do super-imperialismo. Das revoluções que, para Fukuyama, tinham acabado devido à cristalização bipolar do mundo, diz-se agora que acabaram devido à simplificação unipolar desse mundo.

É certo que algumas diferenças separam as teorias originais da sua variante actual: enquanto Kautsky fundamentava nelas a ideia duma passagem não-revolucionária ao socialismo, os sábios nossos contemporâneos invocam-nas para dar crédito a uma pacificação do mundo sob o capitalismo. Mas essa pacificação não acontece.

E isto porque a famosa terciarização da sociedade é apenas um eufemismo para outros fenómenos, que minam a a civilização e a pouca estabilidade que lhe restava: o desmantelamento de unidades industriais, a precarização geral do trabalho assalariado, o rápido apagamento das diferenças entre o trabalhador com direitos, o contratado a termo, o biscateiro, o desempregado de longa duração.

E a pacificação também falha porque a famosa hegemonia norte-americana não livrou a superpotência vencedora da Guerra Fria de cair em novos desaires político-militares. O maior do século passado tinha sido sem dúvida o do



Vietname. O do Iraque já hoje vai a caminho de meter num chinelo esse grande trauma do imperialismo, como a “guerra infinita” vai a caminho de meter num chinelo os horrores das duas guerras mundiais.

Dir-se-á que em 1917 o capitalismo era posto em xeque por um movimento revolucionário com um programa definido, e que hoje apenas assistimos a fenómenos de desagregação da sociedade. A hegemonia dos Estados Unidos não está ameaçada por nenhum novo bolchevismo, decidido a colocar alguma coisa no lugar dos poderes derrubados, e sim por uma miríade de forças sociais centrífugas e de oportunistas dissidentes do próprio campo norte-americano (Noriega, Saddam, Bin Laden). Dir-se-á também que até o romantismo revolucionário do “Che” sabia melhor o que queria do que hoje o sabem anti-imperialistas supostamente pragmáticos (Morales, Chávez). E dir-se-á, enfim, que o apodrecimento do império norte-americano começa a criar o tipo de vazio em que só pode instalar-se, como na carcaça do império romano, uma nova Idade das Trevas.

Diga-se o que se quiser: o único vento que nos permitirá evitar mais dez séculos de barbárie está nas pulsões revolucionárias latentes em todo o mundo. Os noventa anos da revolução russa aí estão para nos recordar só há bom vento para quem sabe para onde vai.



Encontros na Noite

Na noite encontro poetas
Que falam do que eu entendo
Na noite encontro libertas
As paixões que compreendo

Na noite encontro guitarras...
Gemendo poemas belos
Na noite encontro cigarras...
Que sofrem de pesadelos

Na noite encontro fogueiras
De sentimentos marcados
Na noite encontro barreiras
Que resguardam os meus fados

Na noite encontro o juízo...
Que se perdeu por alguém
Na noite encontro um aviso...
Que não castiga ninguém

Na noite encontro a saudade
Que não vem à hora certa
Na noite encontro a verdade
Daquela alma liberta

Na noite encontro prisões...
Sem grades de preconceitos
Na noite encontro emoções..
Que superam os defeitos

Na noite encontro crianças
Crescidas fora da lei
Na noite encontro alianças
Selando a honra da grei

Na noite encontro o perfume...
Do desejo tentador
Na noite encontro o ciúme..
Que é fruto do grande amor

Na noite encontro a imagem
Dum poema inacabado
Na noite encontro a coragem
De te cantar no meu fado

José Fernandes Castro

Casamento

Fala do noivo

a partir de hoje serás minha
todas as noites dormirás a meu lado
na minha cama acordarás
comigo sempre a teu lado
a partir de hoje por muitos dias
a mim dirás bom dia primeiro
na tua pele o meu anel de oiro
na tua pele a seda da minha boca
chamarás por mim em toda a parte
irei ao teu encontro pelo cheiro
assim será até sempre

Fala da noiva

esta será a casa minha
não mais dormirei na cama estreita
contigo acordarei nas manhãs
procurarei o teu corpo para afugentar os medos
e tu estarás a meu lado
serás o homem meu
nos muitos dias que os anos têm
cobre-me de perfumes e desejos
fica atento ao sopro que me percorre
sempre
hei-de encontrar-te pelo cheiro
saberei de ti no meio do silêncio
saberei sempre de que lado chegas
mesmo que o vento se cale

Luisa Costa in Terraços



Rubro para despertar consciências

Foi a 17 de Julho que o vermelho sangue tingiu o jacto de Genève. Já de várias cores se engalanou e outras vestirá, com certeza. Mas este rubro veio despertar consciências para a tragédia do Darfur, nesga de terra a oeste do Sudão, palco dos mais atrozes massacres com mais de 200 mil vítimas. Este conflito que se arrasta há quatro anos, sem que a paz se vislumbre.

Nasceu *OPortuga*

OPortuga está aí, apresentou-se com o número 0, num animado convívio, no Café Literário Pessoa, em Genebra. Assume-se como jornal de grande informação para todos os portugueses, na Suíça e pela voz do seu director, António Veloso, soubemos dos projectos futuros que este mensário, de distribuição gratuita, tem para concretizar a nível dos esclarecimentos essenciais à Comunidade.



A entrevista principal deste número 0 foi com o Conselheiro para as Comunidades, Sr. Manuel de Melo que, sintetizando neste irreverente *OPortuga* disse “*O Estado português não tem vindo a prestar à nossa comunidade um serviço com a qualidade que merece*”.

Oxalá o novo jornal vá em frente com o projecto, segundo o seu director, “*Elucidar os portu-*

gueses de uma forma qualitativa sobre as várias problemáticas referentes à Comunidade Portuguesa”. Longa vida e bom êxito ao novo jornal. Parabéns a todos os colaboradores de *OPortuga*.

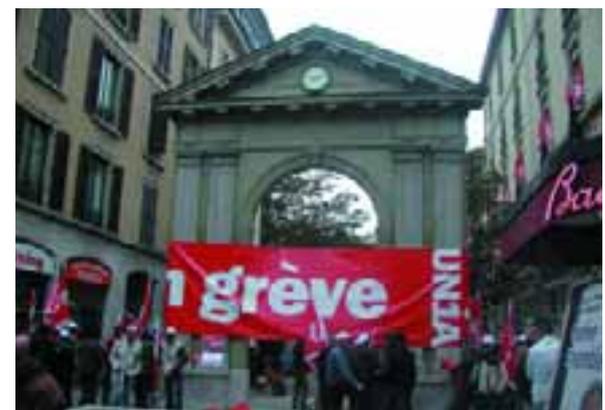
Contrato Colectivo de Trabalho da Construção Civil, em perigo.

Os trabalhadores da construção civil, dia 22 de Setembro, escolheram Zurique para demonstrar o descontentamento face a perca de regalias. Empresas houve que tentaram amedron-



tar os seus empregados, com despedimento, para gorar a manifestação. Não surtiu efeito porque os dois grandes sindicatos Syna e Unia conseguiram reunir na grande manifestação (muito ordeira, por sinal) mais de dezassete mil trabalhadores.

A 15 de Outubro foi a vez dos trabalhadores da construção, em Neuchâtel, entrarem em greve. A manifestação começou logo pela manhã, seguida de debate. Após o desfile pela cidade, os manifestantes dirigiram-se a *Colombier*, à





sede da *Fédération Neuchâteloise des Entrepreneurs*, para entregarem a Resolução das petições, votada em Assembleia Geral.

A onda de protesto propagou-se à parte romana e eis que, em Genève, outra manifestação ocorre, no dia 22 de Outubro. Os trabalhadores saíram à rua com o boné branco da greve e um lenço preto, ao pesço, para simbolizar os direitos perdidos “*Une assurance-vie por les maçons, Elle garantit des conditions de travail sûres et correctes. Sans CN, le dumping salarial et social menace sur les chantiers et le travail va devenir peu sûr*” – foram palavras proferidas por Hansueli Scheidegger, responsável do Sector da Construção Civil.

Outra greve está agendada par dia 1 de Novembro, em Zurique e dia 5, do mesmo mês, prosseguem as negociações com o patronato para resolução dos problemas que afectam, actualmente, a Construção Civil.

Manual dos Portugueses na Suíça

Um livro de informações a não perder! Tê-lo à mão, simplifica o nosso quotidiano.



Cristina Almeida e José Ribeiro Santos, do jornal Luso – Helvético, tiveram a “*ideia da criação deste Manual que mais não é do que a compilação de assuntos que ajudam na resolução de problemas e preocupações comuns a quem é português e reside na Suíça*”. Os temas são pertinentes e bem explanados e com directrizes bem fundamentadas.

Desde o Sistema de Saúde e Segurança no Trabalho à Autorização de Residência; desde Pensões de Reforma à Escola, ao Mundo Profissional, Contratos,

Maternidade, Impostos, Benefícios Fiscais... um sem número de temas aguardam a nossa consulta.

Sobre a importância este Manual, permitimo-nos transcrever algumas palavras do Sr. Embaixador de Portugal, na Suíça, Dr. Eurico Paes sobre esta publicação: “*Considero o lançamento deste Manual dos Portugueses na Suíça uma iniciativa do maior alcance. O fluxo de portugueses que escolhem a Suíça para trabalhar e viver, justifica, a meu ver, que os autores se tivessem proposto a publicar esta obra que, pelas informações e orientações que transmite, muito útil se irá revelar certamente para a comunidade portuguesa que vive neste país.*”

Caixa Geral de Depósitos

A Caixa Geral de Depósitos, dia 1 de Outubro, nomeou nova responsável para a Suíça, D. Cristina Simão que veio substituir o senhor José Rito, entretanto reformado.

O percurso desta responsável fez-se sempre dentro do circuito bancário, o que lhe granjeou experiência e perfeito domínio de dossiês sobre os assuntos da Banca.

Uma significativa sessão de boas-vindas teve lugar na instalações da Caixa com a presença de vários colegas da mesma área de trabalho e amigos que vieram testemunhar-lhe apreço e simpatia. Durante o esmerado cocktail, houve tempo para os convidados trocarem impressões e, sobretudo, fazerem votos para que a nova responsável consiga atingir os objectivos a que se propôs e, ao mesmo tempo, dê continuidade ao serviço eficiente que a Caixa Geral de Depósitos nos tem habituado. Parabéns ao senhor José Rito pelo trabalho realizado e parabéns à nova sucessora D. Cristina Simão.





John

História do Cinema I

O centenário do nascimento do actor americano John Wayne – 1907-2007 – proporciona-me uma viagem pela história do cinema que, sendo uma modernidade próxima de nós, alcançou já uma profunda revolução na mentalidade e no comportamento à escala mundial.

O século dezanove e o século vinte são marcados por dois fenómenos estruturantes mas contrapostos. Os avanços da tecnologia e o “imposto de sangue” das guerras e revoluções provocadas pelas ditaduras. O cinema é uma consequência do engenho, da técnica e do saber humano. A sua história começa com a primeira projecção pública dos irmãos Lumière no “Grand Café”, em Paris. Mas antes de chegarmos ao filme animado, muitas “Pantomimas Luminosas” saíram do talento e da panóplia das máquinas que encantaram o mundo.

Em 18 de Junho de 1896 acontece em Nova Iorque a “première” do cinematógrafo.

Nasce o cinema animado, fruto, pois, de um percurso de ensaios e experiências desde o teatro de sombras chinesas e outros rudimentares malabarismos.

A tecnologia proporciona à ciência descobrir a verdade factual da matéria e a arte de revelar a verdade emocional da vida. O cinema ganha o qualificativo de sétima arte quando, quando, como filme animado, é a expressão dessa mesma arte. Depressa os países pegam, a seu modo, nessa energia cinética e desenvolvem-na no contexto dos seus valores culturais e, evidentemente, nos interesses económicos.

A indústria do cinema gradualmente conquista visibilidade e mercados, sobretudo a partir de 1927, quando descobre a sua voz e a evolução de estilos e formatos se impõem.

Desde os pais do cinema – os irmãos Lumière – a projecção na tela foi o noticiário, a fantasia e o truque. Esta temática originou os dois primeiros géneros da história do cinema: o Documentário, apresentação ou representação verdadeira do mundo, do homem e da sociedade; e a Ficção, tentativa de inventar um mundo diferente para depois o expor.



Wayne



Duas grandes estrelas brilham na arte da animação e no cinema cómico desta época: um mundo de ternura com Walt Disney que regista por meio das câmaras, não a acção das pessoas, mas fotografa e anima desenhos. Em 1928 o famoso “Rato Mickey” e dez anos depois a primeira longa metragem “A Branca de Neve” são marcos milionários da sétima arte. Um mundo de emoção, depois, com o metre que dá a volta à temática do cómico e lhe aponta uma direcção – fazer rir, fazer rir – Charlot, o génio de uma sociedade derrotada, vencida e gloriosa; uma sociedade de vagabundos e ditadores e dum tipo de homem ignorante, humilde e resignado; um homem que avança e recua. O homem dividido.

Walt Disney e Charles Chaplin ficarão definitivamente imortalizados no altar da celebridade no alvor da história do cinema.

Filme de Cowboys

O povoamento do Oeste americano acaba com a lei da “Fronteira”, zona para lá da qual começa a aventura, o perigo, e onde os pioneiros podem dar provas da sua coragem. O fim da “Fronteira” vê nascer o mito do “espírito pioneiro” que o povo americano reclama e cujo símbolo é o Cowboy que se torna em finais do século dezanove um herói nacional exaltado pelos romances e pelo cinema. John Wayne juntamente com John Ford encarnam o nascimento desse espírito americano, misto de aventura e conquista. O Cowboy invencível, de sucessos, é universalmente disputado e o nome das primeiras películas corresponde à filosofia que encarna a ética dos valores dum tempo e duma sociedade nascente. Filmes como

“Vendaval de paixões, Bravura indómita”, “Rio Vermelho”, respiram apetites purificatórios e sedentos dum tempo novo que agora começa e a sétima arte regista.

É curiosa a metamorfose do triunfo do filme de Cowboys que a pouco e pouca conquista a “europização”. A humanização dos heróis modifica a temática do “Western” em filosofia de vida, é tudo transportado para outro ambiente social. Nasce o Filme de Gangsters. Os cavalos convertem-se em automóveis, o colt em metralhadoras, as cavalgadas por pradarias, em fugas e perseguições por ruas da cidade.

Daqui ao aparecimento doutro género de cinema – o Filme de Guerra – vai um passo da sensibilidade e da emoção, retratando as pessoas na frente de batalha. Duas fases distintas se impõem como doutrina: a Exaltação bélica e o pacifismo.

A exaltação bélica contra o “malvado alemão” e o “sádico japonês”. O pacifismo para ridicularizar os Estados e Governos militaristas.

Nem sempre o Filme de Guerra serviu a ética militar. Expurga valores, realçando os negativos do ódio, da vingança e da destruição.



Emigração Princípio e fim de uma história

“E mesmo depois de se vestir o robe de e/imigrante, continua-se a viver na memória viva da ilha e no horizonte da existência entre dois mundos sem a viabilidade do retorno total às origens, nem a aceitação completa do presente repleto de conflitos pessoais e familiares, sociais e ideológicas, profissionais e lúdicos. E passa-se a existir numa recriação contínua, alimentada e mantida na determinação e vontade de crescer. Todavia, dos muitos sucessos alcançados e sonhos desfêitos, nasce a personalidade e/imigrante multifacetada de gente cuja identidade é difícil conceber-se e definir-se sem o complemento dúvida. Dúvida de quem é e a que país pertence; lá, é a americana, cá portuguesa?!...” – Serpa, 1994:22



História dos Açores começa e acaba no mar. Foi por mar que os primeiros homens chegaram, foi por mar que muitos deles partiram em busca de algo melhor, um pouco por todo o Mundo.

Fascinado pelo mar, movido por um grande espírito de aventura, o açoriano deixa a ilha, numa decisão corajosa. Partir, emigrar, não é apenas uma decisão pessoal baseada no espírito de aventura. Por detrás desta decisão há razões que prendem com a aventura mas também com a melhoria das condições de vida.

A partir do séc. XVIII o Brasil constituiu um dos destinos preferidos dos portugueses. É ainda neste século que um número significativo de açorianos aí se fixa, nomeadamente na ilha de Santa Catarina, por ordem da Coroa portuguesa. Dentre eles, alguns florentinos.

A primeira leva de emigrantes – séc. XVIII – terá sido seduzida pela posse da terra.

Ainda neste século, os florentinos partiram para a América, em baleeiras americanas que escolhiam a ilha das Flores e do Faial para reabastecimento de víveres e recrutamento de tripulantes.

Mas é na segunda metade do séc. XIX que “o grosso da emigração florentina muda, porém, de rumo, trocando o Brasil pela América”. Gomes, 1997. É esta, aliás, a denominada emigração clandestina, *pelo alto*.

Durava dois anos, a campanha na baleeira. O florentino pagava assim, com o trabalho, a sua

viagem até a um porto qualquer dos Estados Unidos. Alguns, pela experiência destas campanhas, tornavam-se capitães baleeiros.

A 27 de Setembro de 1957, houve a primeira erupção do vulcão dos Capelinhos, que eclodiu no mar, junto à freguesia do Capelo, na ilha do Faial. A sua actividade terminou em 25 de Outubro de 1958. Assim, 1957 e 1958 marcaram significativamente a vida dos faialenses, visto que dezenas de famílias se viram despojadas dos seus lares, de todos os seus haveres, donos de terrenos improdutivos devido às cinzas.

A entrada mais numerosa de açorianos, nos Estados Unidos da América, foi aprovada pelo Congresso, em Agosto de 1958, como consequência da segunda crise do vulcão dos Capelinhos.

Devido ao extraordinário desempenho do então Governador do Distrito da Horta, Dr. António de Freitas Pimentel, foi possível a numerosas famílias a emigração legal para os Estados Unidos. A quem este político facilitou o visto de emigração que, na altura, era concedido nos Governos Cívicos com assinatura do Governador. Mas a emigração da década de 60 não beneficiou apenas os habitantes da ilha do Faial. Depois de abertas as portas da América, pessoas de outras ilhas dos Açores e do arquipélago da Madeira, fixaram residência no Faial, com o objectivo de emigrar um dia.

Pertencendo ao distrito da Horta, a ilha das Flores também beneficiou desta circunstância e



muitos dos seus filhos partiram para a terra das oportunidades, em busca de uma vida diferente. De notar que muitos destes emigrantes – da década de 60 – eram gente inteligente e com capacidade intelectual para poder pensar num eventual prosseguimento de estudos. A questão vital é que era a sobrevivência que dominava e refreava o sonho.

A situação de guerra vivida em Portugal de 1960 a 1974 voltou a incentivar o desejo de emigrar já então menos intenso.

Iniciou-se a década de 70 com o fantasma da Guerra do Ultramar a assombrar a vida de muitas famílias. E, enquanto muitos portugueses do Continente emigravam para a Europa, os açorianos continuavam a partir rumo à América.

Duas razões muito concretas os levavam a partir: tentarem a sorte em outro país, naquele que era, de há muito, o destino de gerações e, como já referi, o propósito de evitarem o serviço militar em África.

Com a revolução de 25 de Abril d 1974 o descontentamento de alguns continua a levá-los num avião de esperança para terras da América. Agora, outro tipo de emigrantes parte.

São testemunhas da Revolução, tementas da normal instabilidade de uma mudança de Regime.

Partem agora com novos sonhos...

**É bom
tê-lo connosco.**



PARIS NA MINHA VIDA



o ler o título desta crónica qualquer pessoa será levada a pensar que vivi longo tempo em Paris e que esta cidade terá tido um papel muito importante na minha vida. Só lá estive por duas vezes. Num total de vinte e oito dias suficientes, no entanto, para fazerem com que Paris ficasse indelevelmente marcada na minha vida.

Quando era criança a resposta à pergunta: - Mamã de onde vêm os bebês? - fazia com que muitas interiorizassem a ideia de que França era a sua origem, começando desde logo a desenvolver laços afectivos para com este país.

Mais tarde, quem seguisse o curso dos liceus, quer na História, quer na Filosofia, era talvez a França o país que fornecia os nomes que mais maravilhavam, como Napoleão Bonaparte, Joana d'Arc, Luís XIV, Junot e muitos, muitos outros. Em relação à primeira, Voltaire, Sartre, Althusser e vários outros em relação à filosofia. Nomes que penetravam e se incrustavam nas nossas mentes, levando a que o fascínio por França fosse grande, e, principalmente, pela sua capital, Paris, na altura, para quem vivia em ditadura, um marco de liberdade e de cultura, farol de muita coisa: a Cidade Luz. Não admira que, na minha juventude, a cidade estrangeira que, à partida, mais desejasse visitar, fosse Paris.

Tinha dezassete anos quando recebi um inesperado convite de um casal amigo para o acompanhar numa viagem de automóvel até Londres, passando por Madrid e Paris. Inicialmente, a viagem destinava-se a proporcionar um atractivo passeio à filha de um militar de alta patente com quem, dizia-se, o casal tinha negócios pouco claros. Como à última da hora a rapariga não pôde deslocar-se, decidiram não cancelar a viagem, levando-me, em parte, por causa das línguas, visto estarem habituados unicamente a viajar por Espanha. Quando soube do convite, não recorde se chorei de alegria ou não, mas devo ter dado seguramente muitos pulos de contentamento e contado a boa nova a toda a gente que conhecia.

Embora só lá tivesse ficado três dias e passado grande parte do tempo a acompanhar os meus amigos nas manifestações dos seus interesses, como observar montras, entrar e espiolhar as Galerias Lafayette, os grandes armazéns Le Printemps, etc., tive a oportunidade de visitar monumentos célebres como Arco do Triunfo, o Sacré-Coeur, a Catedral de Notre Dame, e, o que mais desejava, ir ver espectáculos musicais em cena, como os do Moulin Rouge e das Folies Bergères. Esta casa de espectáculos era a mais falada em Lisboa, entre nós, rapazes, pois sabíamos que as coristas se exibiam de seios desnudos, enquanto que as nossas do Parque Mayer só se apresentavam em palco de pernas ao léu, pois a censura era implacável. E foi nela que me senti autenticamente no Paraíso: pelo espectáculo com as citadas bailarinas, pela cor, pelo ritmo, pela música, mas também num intervalo do espectáculo me instalei comodamente numa cadeira avulhada de um corredor, fumando um cigarro norte-americano, ao qual em Lisboa não tinha facilmente acesso e bebendo, pela primeira vez, a então, para mim, famosa, Coca-Cola que Salazar proibira. Que mais poderia ambicionar? O espectáculo do outro teatro também me agradou bastantes, Consegui andar no Metro com o seu emaranhado de linhas e um dia senti a sensação de, ao deambular por uma rua, ouvir gritar: - Português! Oh, Português! - E perante o meu espanto: - A sua samarra denunciou-o...

À chegada a Lisboa, exagerei bastante as coisas com o intuito de provocar nos meus amigos uma grande admiração pela minha viagem, descrevendo coisas que não vi e visitas que não fiz, pois no hotel havia muitos prospectos turísticos que lia com interesse. Fiquei com um enorme desejo de lá voltar.

No princípio de 1973, já regressado da Guerra Colonial e, na qualidade de funcionário de uma instituição financeira, tive a felicidade de voltar a Paris, desta vez por vinte e cinco dias, acompanha-

do de mais três colegas. Dispondo de bastante dinheiro para gastar e algum tempo livre – folgávamos às quartas-feiras – pude finalmente dar largas a desejos recalcados e a planos imaginados durante bastantes anos para o caso de surgir nova oportunidade de visitar Paris. Voltei ao Moulin Rouge e assisti ao espectáculo em cena no Crazy Horse, casa de espectáculos onde o nu dos elementos femininos era regra. Deambulei pelos Campos Elíseos e pelas grandes avenidas que desembocam na Place de l'Étoile onde se situa o Arco do Triunfo, Voltei ao Sacré-Coeur com as suas cúpulas brancas e o seu bairro dos pintores com a famosa Place du Tertre, onde dancei num café-restaurant ao som do acordeão. A conselho de colegas franceses fui ao cinema ver os três filmes do momento: “A Grande Ferra”, “Laranja Mecânica” e “O Último Tango em Paris”, longe de imaginar que dentro de um ano e poucos meses, a Revolução do 25 de Abril iria derrubar o regime fascista de Caetano, abolir a censura e permitir ao Povo Português ter acesso a estes mesmos filmes que reví em Lisboa. Visitei o Museu do Louvre onde apreciei a estátua da Vénus do Milo e o retrato de Gioconda, e não quis deixar de homenagear Jacques Prévert, o poeta, indo à Place de la Concorde, à midi, ver se ainda lá se encontrava a “fille de seize ans, immobile, debout”...

O nosso dia de folga era às quartas-feiras. Com o pretexto de ir visitar uma prima, escapulia-me do hotel (Hotel Molière), nesses dias, a uma hora em que os meus colegas ainda dormiam, caminhava até à Ópera e procurava um café onde pudesse dar largas a desejos recalcados: ler o L'Humanité e outras publicações de esquerda, todas, é evidente, proibidas em Portugal. Estar em Paris, ler o jornal do PCF sem receio de ser visto pelos informadores da PIDE era uma sensação fantástica. Fugia dos meus colegas para não conhecerem as minhas ideias políticas e para poder fazer coisas que, a eles, provavelmente, nada diriam. Nutria uma enorme admiração por Sartre, Prémio Nobel da Literatura

em 1964, e por Simone de Beauvoir, já lera muito das suas vidas, os seus hábitos, não admira que ansiasse ir tomar o café ao «Flore» e ao «Les Deux Magots» (também de Hemingway), imaginando-me sentado perto de eles, observando-os, qual intelectual. Quis sentir-me francês fumando Gauloises, cigarros verdadeiramente horríveis. Andei pelo Quartier Latin e por Montmatre, locais que conhecia através de revistas e de outras leituras. Visitei uma ou outra livraria cujo nome anotara anos atrás; acompanhado de uma amiga de longa data, a viver em Paris, Maria do Carmo, fui ainda a uma, para nós, referência, “La Joie de Lire”, nas imediações da qual observámos jovens portugueses exilados, vendendo publicações de movimentos de esquerda, de oposição ao regime fascista de Marcelo Caetano e, numa rua próxima, vi pela primeira (e única) vez, uma jovem na ressaca da droga, caída no chão, berrando.

Visitei caves, perto da Ópera, onde a música do piano era rainha e se bebiam uns copos, locais de que a (saudosa) Mansarda na Rua D. Pedro V, não passaria de uma pálida amostra. Cheguei a jantar duas vezes no mesmo dia, da segunda, sozinho, fruto de uma desmesurada euforia interior e de uma generosa abundância de francos que me permitia encomendar sem olhar ao preço...

Cheguei ainda a ver os últimos bairros de lata, onde compatriotas nossos viviam em péssimas condições. Convivi com largas dezenas, que na agência do banco onde trabalhava durante a semana, em Champigny, quer aos domingos, nos terrenos planos junto dos bairros de lata onde se jogava ao chinquilha, se bebia cerveja e bagaço e onde o dinheiro dos imigrantes era recolhido de contentores transformados em agências bancárias pela polícia saída de carros blindados de metralhadora em punho.

No tempo de que dispus, servindo-me de anotações que fui acumulando durante anos, tentei tirar o melhor partido da segunda visita efectuada.

À minha maneira, vivi Paris.

Com os calções nas mãos

Quando raspamos ligeiramente a superfície da pele humana, aflora a camada do medo. Este medo faz instintivamente que possamos agredir com receio de ser agredidos. É este traque a causa de toda a violência no mundo. O receio e a introversão são variáveis que perpassam por quase todos os seres vivos. Face a um bloqueamento, onde encontrar a reserva de energia que nos permita vencer os obstáculos interpostos? Numa substância química fabricada pelo organismo humano que nos pode tornar mais audazes, mais arriscados, forma de fugir à rotina. No plano onírico, somos heróis, gigantes por minutos ou horas. Quando acordamos, resta a pequenez. A prática de desportos radicais, nas últimas décadas, permitiu que, nalguns, o medo se refugiasse para lá da epiderme e o heróico fosse sentido ao vivo. Quem nunca em sonho incarnou a figura de Ícaro? O parapente e o asa-delta dão-nos, hoje, numa questão de dias, asas para voar.

Numa sexta-feira de finais de Julho de 2005, aguardávamos, há quase oito dias, em Linhares, a meca portuguesa do parapente, que o teimoso Zéfiro levantino passasse para o quadrante oposto. Calor de rebentar castanhas, incêndios na serra da Estrela, Viseu, Gouveia, Guarda... tornavam o ar numa fornalha, enxameada de correntes térmicas. O poder voar nesta aldeia da Beira Alta só é aconselhável com brisas de oeste, correndo-se riscos quando sopram de SO e NO. Como um pequeno bando de cinco aves, ao cair da tarde, batemos asas para a descolagem, no alto da serra, a seiscentos metros de altitude, na esperança de podermos voar algumas dezenas de minutos. Por volta das dezanove horas, uma neblina boreal, perceptível a olho treinado, avança a passo de carga sobre toda a linha do horizonte do oeste. Era sinal de esperança. Meia hora depois a manga dá conta da sua presença. Chegou travessa de NO. Como pássaros famintos de ar, desenrolámos as asas e tentámos, à pressa, a sorte. Não valeria a pena perder tempo a

equipar-me com calças, camisolão, luvas. Um simples calção, uma t-shirt e um altímetro cinturado à perna direita, seria suficiente para o pequeno voo de fim de dia. Vou ser o último a descolar e os que me tinham precedido, o Tó de Paris estava em dificuldade de sustentação, muito abaixo do ponto de partida, tentando, próximo da encosta, não perder mais altitude, e dois dispararam em direcção aos céus. Uns confinados, outros libertos em dois mundos diferentes separados por pouco mais de uma centena de metros. Ajudado pelo condutor e amigo Rui Victória que nos trouxe até aqui, descolo. Entro no elevador ascensional de alta velocidade, enquanto o Zé do Folgozinho espiralava, acima de mim, algumas centenas de metros. Senti que, no momento, a minha asa era um Pégaso. O Zé, servindo de lebre, mete cabo em direcção a Forno de Algodres e sigo as pisadas. Afastamo-nos da serra vários kms e o altímetro marca a ritmo acelerado 1200, 1500, 1800, 2000, 2300, 2500 metros acima das águas da Figueira. Com semelhante almofada de ar a nossos pés talvez desse para chegar ao litoral. O meu companheiro de aventura resolve retroceder, enquanto eu, no entusiasmo, quis que a adrenalina me corresse pelas veias fazendo de um passarinho uma águia gigante. Era grande, grande e para quem me visse de baixo, num raio de vinte quilómetros, era do tamanho de um insecto, pouco maior do que um mosquito. O coração bate descomprimido enquanto a adrenalina decupla o poder dos meus músculos rodopiando ora à esquerda, ora à direita na vertigem de céu só meu, reino de pequeno deus.

Pela primeira vez acredito que nada está inscrito no livro da vida, que não há cenários pré-estabelecidos, não sou uma personagem, sou o redactor da minha própria vida. Escrevo-o aqui e agora, escrevo a cada segundo, sem que ninguém possa conhecer a página seguinte. Sou livre, catapultado para estado de espírito exaltante. Estou entre anjos. Só o frio sentido me faz lembrar a minha quase nudez,



no céu de Linhares



num ambiente que ronda os zero graus centígrados. Os dentes e as mãos dão-me ordem de regresso a Linhares. Tento perder altura, puxo a crina e crispo os dedos nos longos pêlos de Pégaso. As asas não respondem, estão tensas, deixou de dominar o vento. O frio ataca a sério, aperto as pernas contra o flanco e peço-lhe encarecido “Vá, Pégaso, desce por amor de Deus”. Toco-lhe no ventre para entrar em espiral, sem resultado. Depois carrego no acelerador colado ao estribo que actua sobre o bordo de ataque das asas e nada. Só me resta o último recurso, baixar-lhe as orelhas, puxando os fios da extremidade. Tento, mas a pressão do vento vindo na vertical é tal que corro o risco de cortar as falanges dos dedos. O vento de NO soprando na transversal é intenso e só com dificuldade me deixa manter o rumo de regresso ao campo de aterragem. Não posso deixar arrastar Pégaso para sul, terras de Noto, para onde me empurra com grande violência Bóreas. Se cedo, posso passar para lá das Penhas Douradas, da Covilhã, do Fundão, de Castelo Branco, de Portalegre...E comigo nem carteira nem telemóvel. O caminho de regresso à Terra estava obstruído. A descida impossível. Fora apanhado em armadilha, prisioneiro de guerra silenciosa travada entre ventos. A neblina marítima armada de tropas experientes e de uma rara eficácia metera, num bolso, Noto, expulsando todas as camadas de ar quente para as alturas. Como tirar-me a mim e a Pégaso daqui? Os ventos quentes construíram um mundo fortificado, uma inversão, alcandorado muitos metros acima da serra. E quando olho para baixo parece-me que o castelo de Linhares se eleva no ar, perde-se de vista no espaço, rodeado de espessas muralhas com milhares de metros de altura. Só com o pôr - do - sol e a chegada da noite, a guerra, iniciada ao fim da tarde, podia ter um epílogo. Começo então um vai e vem, a velocidade de caracol, muito acima do cume da serra e regresso à Carrapichana, aguardando pelo reinício do combate. As tropas de Bóreas ataca-

riam, durante a noite, o acampamento aéreo de Noto. E eu, Ícaro, apreensivo com o meu futuro imediato, corria o risco não de as minhas asas derreterem sob o efeito do Sol, mas de fecharem congeladas. É um tempo de espera interminável. O frio cerra-me a garganta, os dentes trauteiam, as pontas dos dedos já não as sinto. Pégaso quase paralisado, transido de medo, não retém as convulsões. Vivo também um tempo para meditar e questionar. As aventuras onde embarcamos para fugir a esquemas rotineiros têm custos; aquilo que começara por ser uma vitória, transformou-se, num ápice, numa situação incontornável, com ares de derrota. Pela primeira vez não estou ao lado da minha vida, mas dentro. O imprevisto só tinha duas saídas possíveis. Ou descer como tinha subido ou vir de escantilhão. A minha voz ecoaria no deserto se pedisse: “Rui, traz-me socorro, enquanto eu ando por aqui com os calções nas mãos”. Os automobilistas, que, na nacional 17 a caminho de Coimbra ou de Celorico da Beira, naquele fim de dia, tenham cruzado o olhar com o meu, muitos terão sentido um desejo enorme de poderem estar lá, em cima, no meu lugar. Confesso-vos que nunca desejei tanto ter um pé em terra. Oito dias de espera para me encontrar numa situação tão desconfortável. Transido de frio não deu para admirar o pôr-do-Sol. Os últimos raios de luz eram pouco a pouco vencidos pelo escuro da noite e a Lua aparece não redonda, mas sim num raquítico e ténue C luminoso. E as horas passam e a minha energia e a de Pégaso resistem. O alvo da aterragem esteve várias vezes 2000 metros abaixo da linha do voo. São dez da noite e estou esquecido no seio de um frigorífico... Esperará Bóreas que Noto adormeça ou que eu apanhe uma hipotermia? A batalha iminente será rude. Por várias vezes procuro as rédeas do pára-quedas de socorro para me lembrar do local e objecto a agarrar e projectar, em caso de fecho frontal das asas. O frio varre-me a espinha quando, de repente, Bóreas se atira ao



Com os calções nas mãos no céu de Linhares

adversário como gato a bofe. Pégaso dá um salto nos ares projectando-me para cima, para o lado, para trás. Onde ando eu? Não sei. Sei somente que Bóreas está a chegar para nos livrar destas garras gigantescas. Pégaso não se pode furtar aos golpes dos adversários, está onde mais se ferem. Eu gostaria de descer como o faria não importa que pássaro; entrar como pedra em queda livre e abrir as asas a uma centena de metros do chão... É um choque frontal, num corpo a corpo enraivecido. A luta, à medida que os minutos passam, torna-se muito feroz. Por todo o lado os dois ventos se mordem, se batem com gritos de raiva que ecoam e sacodem freneticamente as asas de Pégaso, projectando-nos sete ou dez metros para cima, ou deixando-nos cair quinze ou vinte. O altímetro baralhado balbucia notas discordantes na refrega, onde somos o bombo da festa. Pégaso baixa-se, corre em ziguezague, rasteja. Uma nova descarga de adrenalina se produz em mim multiplicando as forças e dando segurança aos reflexos. Com tanto rodopio aparecem as primeiras vertigens, sintoma de estrada com curvas a mais. A infantaria pesada, a cavalaria, os lanceiros, os arqueiros da brisa vinda do Oeste são implacáveis. Bóreas espeta profundamente as unhas no rosto de Noto, escarifica-lhe o pescoço, esmaga-lhe o torso com os joelhos, morde-lhe as pernas e os braços, deixando-o exangue. As trombetas ordenam a retirada, após carnificina que me parece não ter fim. Noto dá sinais de fraqueza e as muralhas do castelo, onde me encerrou e ao meu feroso animal voador, abrem brechas. No meio da confusão, Pégaso ouve a voz vagarosa do altímetro assinalando ruptura pi...pi...pi... Pégaso reanima, procura a falha e passa por onde é possível a saída. A corrida retoma e galopamos sem olhar para trás. Apanhamos finalmente o elevador descendente num grande oceano de turbulências. A preparação da aterragem é feita quase às cegas. Não dá para ver a posição da manga assinalando de que lado sopra o vento em terra. A menos de duzentos metros de



altura temos alguns sinais de como negociar a última linha recta da aterragem. É importante encontrar o vento de frente, pois é forte a força do libertador. Poisamos bem e a primeira coisa que faço é beijar o chão em sinal de agradecimento ao Grande Senhor. Estava escrito no Livro que não tinha chegado a minha vez de responder à chamada, naquele dia de Julho de 2005. E dou um grande abraço a Pégaso e faço uma carícia de reconhecimento no seu focinho.

O resto do bando estava ali, há muito, numa situação expectante, criando energias para que descêssemos dos céus na companhia dos anjos. O Rui, na montanha com o jipe de faróis acesos, que mais luz não tinham que duas pequenas velas, vistas lá do alto, imploravam ao Senhor o meu lugar entre os vivos. Cansado de iluminar uma descida que nunca mais chegava, põe-se a caminho do campo de aterragem estarecido com a ideia de que eu tivesse desaparecido do controle dos radares que me seguiam em terra. Quando os colegas lhe dão a notícia de que estava no meio da escuridão a recolher o parapente, não acredita.

Sorratamente aproxima-se de mim e com voz irónica diz:

– Bem-vindo, Miguel Passarinho, ao solo de Linhares! Estás a passar uma boa noite?

Observatório de Genebra

O Despertar do Dragão



De há duas décadas a esta parte, mais precisamente desde a queda do Muro de Berlim, as relações internacionais têm conhecido um espantoso desenvolvimento; não só entre antigos aliados e parceiros comerciais, mas também entre países de sistemas políticos diametralmente opostos. Repentinamente, graças ao incremento das novas tecnologias e globalização do saber, o mundo inteiro viu-se aprisionado na mesma teia: não mais será possível o desenvolvimento acelerado de um país sem o recurso à partilha da informação — daí dizer-se que estamos todos metidos no mesmo barco. Globalização, mundialização, termos estranhos, embora recorrentes, a mostrarem que não estamos sós neste planeta. Milhões de outros seres humanos, habitantes de todas as latitudes, gente que professa distintos credos, países governados por ditadores, democracias envergonhadas e estados de pleno direito, todos eles buscando uma varinha mágica que lhes indique o caminho mais curto para alcançarem progresso e bem-estar.

Quando Mao Zedong, no dia 1 de Outubro de 1949, proclamou a República Popular da China, após uma violenta guerra civil entre nacionalistas e comunistas, não imaginava que o seu país pudesse vir a ser um gigante industrial, meio século depois. Numa época marcada pelo início da *guerra fria* entre a União Soviética e o Ocidente capitalista, Mao Zedong tentou evitar uma confrontação com os inimigos do *império soviético*, seu mentor político, porque a tarefa de modernização da China tornara-se prioritária; de tal maneira que, à excepção do alinhamento com os russos na guerra entre as duas Coreias, todo o esforço da jovem República Popular se centrou

no combate à fome que grassava pelo país. Longe, portanto, da imagem dessa mesma China nos dias de hoje que, sob a orientação de Deng Xiaoping se afastou da Revolução Cultural, encetando as reformas económicas que verdadeiramente deram início à China moderna. Para tal, foi necessário transformar radicalmente a mentalidade dos seus dirigentes e do povo, habituados que estavam a uma economia comunista onde tudo é regulado pelo Estado. O que não conseguiu Mao Zedong, líder militar na Longa Marcha (1934-1936), autor da campanha das Cem Flores (1956-1957) e mais tarde *timoneiro* da Revolução Cultural Proletária (1965-1968), obteve-o Deng Xiaoping, no final dos anos setenta, lançando o país na via da **democracia restrita** e **modernização económica**. Começa uma “segunda longa marcha” para o povo chinês, mas agora traçada para além da Grande Muralha e dirigida a todos os continentes da Terra.

Será isto o pronúncio do fim do comunismo maoísta? Tudo leva a crer que sim: basta ver a abertura da economia chinesa ao mundo, para se ter uma ideia da reviravolta que o país deu. A devolução de Hong Kong e Macau, respectivamente pelos ingleses e portugueses, permitiu à maior nação da Terra fechar o



Observatório de Genebra

O Despertar do Dragão

ciclo de humilhações impostas pelo Ocidente. Com um custo de vida muito baixo e mão-de-obra extremamente barata, a China está atraíndo capitais e tecnologias dos países desenvolvidos que – com isso – mais não pretendem que transformá-la na “**fábrica do mundo**”. O resultado mede-se em biliões de dólares vindos das exportações, fazendo com que Pekin esteja a tornar-se numa potência financeira cobiçada pelos bancos estrangeiros. Mas o *milagre* não termina aqui: cientes de uma riqueza em crescendo, as autoridades chinesas lançaram um desafio às grandes nações do mundo, implantando-se em sectores até aqui exclusi-

www.madeinchina2007.nl



MADE IN CHINA

FNV conferentie

vos de americanos, europeus e russos. Vêmo-los na conquista aeroespacial, lançamento de satélites de comunicações civis e militares, aviação, informática, robotização, armamentos sofisticados, nanotecnologias.

Resta saber se o pragmatismo dos governantes chineses – um país, dois sistemas – lhes permitirá, um dia, efectuar a transição política da ditadura do PCC para a democracia tal e qual existe no Ocidente. Se isso acontecer, abençoado seja o povo da Grande Muralha.



HORA LUSITANA

*A sua emissão de rádio
em português*

NOVO HORÁRIO

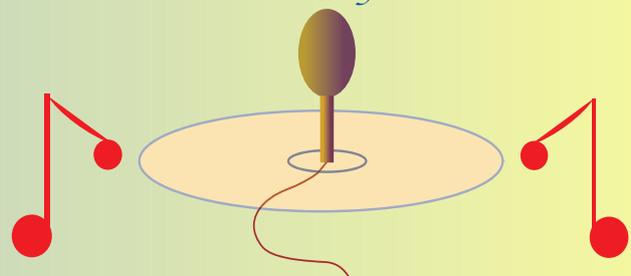
Sábados e Domingos

17h / 18.30h

Genève, 92.2 FM

cabo 98.6

Case postale 1111 • 1211 Genève 1
Tel: 022 309 09 58 / 022 309 09 59
hl@horalusitana.ch
www.horalusitana.ch



José Lemos

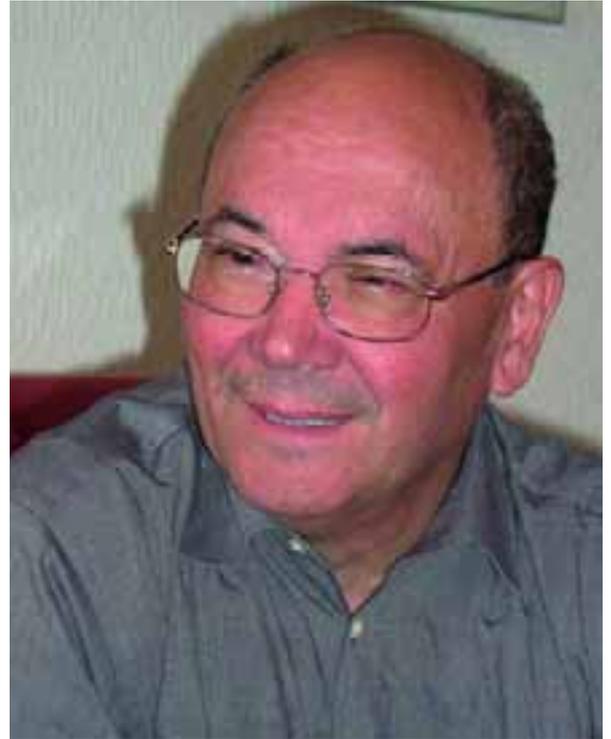
Jornalista, repórter e cenógrafo

Quem do lado de lá da câmara de filmar, regista expressões, gestos, retalhos de vidas, raramente gosta de expor-se, aos outros, do lado de cá. No entanto, sem câmara, nem tele-objectiva, fomos captar um pouco das vivências de José Isidoro da Silva Lemos Ferreira (casado, três filhos e quatro netos). Nasceu no Porto, em Miragaia, no seio de uma família burguesa, sem, contudo, se deixar marcar por essa mediania, porque a disponibilidade, a franqueza, a humildade com laivos de timidez fazem parte do carácter e da idoneidade de José Lemos.

A câmara é companheira inseparável, com ela as reportagens sucedem-se procurando sempre evidenciar o lado positivo da vida. Já foi premiado pela RTP pelos trabalhos apresentados e com o terceiro Prémio de Jornalismo das Comunidades. Continua a trabalhar em novos projectos arcando com os papéis de cenógrafo e aderecista. São constantes os louvores que lhe tecem pelas reportagens sobre a diáspora que, como ninguém, investiga e capta com a sua objectiva.

Fixou residência perto de Neuchâtel, como quem escolhe um porto de abrigo só para ancorar depois de viagens pelos quatro cantos do mundo e, na verdade, têm sido muitas e constantes.

Desde cedo e a pulso, começou a desbravar a vida...



Quase não teve tempo de ser criança; começou a trabalhar muito cedo...

Comecei a trabalhar aos 15 anos na EFACEC, um local politicamente incorrecto, para a época. Tinha feito electricidade na Escola Industrial e, como aprendiz, foi aí que tive o meu primeiro emprego.

As condições de trabalho eram boas?

Não eram más. E havia também um Movimento, encabeçado pelo próprio patrão, engenheiro António, contra o Regime da época, que reflectia o espírito político que se vivia na empresa.

Cresceram consigo essas ideias de liberdade até o transformarem num contestatário.

Olhe, quando estava no Serviço Militar, de um grupo de 12, quatro foram presos pela PIDE.

Eu participei nessas contestações. Fiz muitas inscrições, durante a noite, com nitrato de prata. Nessa época usávamo-lo diluído em água para fazermos as inscrições e *slogans* revolucionários, nas paredes. Pintávamos à noite e, de dia, com a luz, as mensagens apareciam e eram difícilísimas de tirar, porque o nitrato de prata entranhava-se na pedra e ficava lá imenso tempo. Não usávamos papéis nem cartazes.

José Lemos

Eu recordo-me da minha mãe, preocupadíssima, perguntar: *ó rapaz, o que tens nas mãos? Olha para esses dedos todos pretos...* Ficavam assim porque usávamos o pincel e sempre escorria líquido...então as unhas ficavam negríssimas.

Tive também uma grande vantagem. Sabe que fui talvez o sócio mais novo do Cineclub do Porto. Éramos chamados os *cinéfilos clubistas de domingo*. Havia sessões de cinema de certa ideologia que, por sua vez, só eram frequentados pelos que assumiam uma ideologia anti-salazarista.

O Manuel Pires, mais velho 10 anos que eu, e à

de Oliveira, cineasta, que nessa altura era meu professor - dava aulas de Cinema Experimental no Cineclub - foi com ele que comecei a compreender e a gostar do cinema além de ler muitos livros sobre o tema, na grande biblioteca do Cineclub. Passava os meus sábados e os dias de folga do trabalho a ler na biblioteca.

Nunca pôs o estudo de parte, digamos assim...

Não, terminei o Curso Industrial e comecei o Liceu. Completei o 3º ciclo como trabalhador estudante, porque o meu objectivo era ir para a Escola de Paris, HIDEC. Foi também na altura que conheci a Ariana e, então, parei um pouco porque, entretanto, casámos.

Durante o meu Serviço Militar, fiz a Escola de Cinema e Fotografia, nos Serviços Cartográficos do Exército, em Lisboa. Frequentei essa Escola com a ideia de ir para a televisão. Nessa altura, um tio meu que estava ligado ao Regime dizia-me que quando acabasse o curso me arranjava um lugar na RTP.

Mas, afinal, não se concretizou essa promessa. Então como é que, já casado e com uma filha, e com tantos projectos aparece aqui na Suíça? A sua intenção não era estudar em Paris?

Simplesmente nunca consegui obter passaporte. Fiz três pedidos e todos foram recusados.

Isso teve um pouco a ver com a Guerra Colonial... a minha especialidade estava ligada com engenharia por isso não me destacaram para Angola, enquanto que da Artilharia e Cavalaria mobilizavam tudo. Além do mais pertencia ao MUD; fazia entregas e distribuía o Avante; fazíamos exposições de Impressionistas mexicanos como Rivera... eram as pinturas murais; era um fervilhar de actividades... mas tudo isso sem pertencer ao Partido Comunista; note-se apenas que naquela altura, o PC tinha no MUD uma influência terrível. Era um Partido muito bem organizado.



época membro do Partido Socialista, tinha uma acção muito grande, estava também inserido na empresa e comungávamos a mesma paixão pelo cinema. Paixão essa que me acompanha ainda hoje. A contribuir para isso foi também o Manuel

Jornalista, repórter e cenógrafo

Repare que, com este *curriculum*, não seria pessoa muito “recomendável” para o Ultramar...!

Nem para ter passaporte...!

(risos) e então vim para aqui por influência de um primo meu que nas férias de Natal de 62/63 me disse: *a Suíça é formidável, se quiseres arranjo-te lá trabalho!*

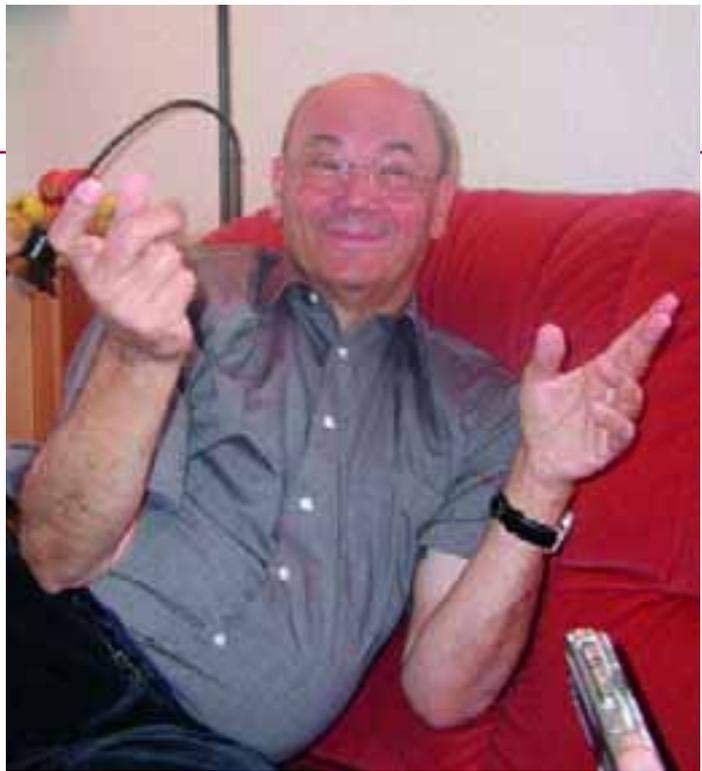
E passaporte?

Vim a “salto”. O meu primo tinha ligação com um “passador”. Atravessei o rio Minho de barco e ele esperou-me em Vigo. Seguimos para San Sebastian depois Irun. Fiquei aí porque o “passador” que fazia o trajecto fronteiroço Espanha – França, não nos deu apoio.

Do outro lado da fronteira esperava o meu primo que me envia uma mensagem: *ou atravessas a nado ou eu tenho que ir embora*. Isto foi uma história muito complicada...

Sei que tomei uma resolução: meti-me no comboio novamente para San Sebastian e fui ter com o “passador” que vivia na parte velha da cidade e pu-lo ao corrente da situação. *“Para trás você é que não vai, vai é para a frente e hoje há passagens”* – disse. Lá passei com mais 30 pessoas. Demorei 19 dias a chegar à Suíça.

Mas começou logo a trabalhar, o seu primo, em Yverdon, tinha tudo preparado...



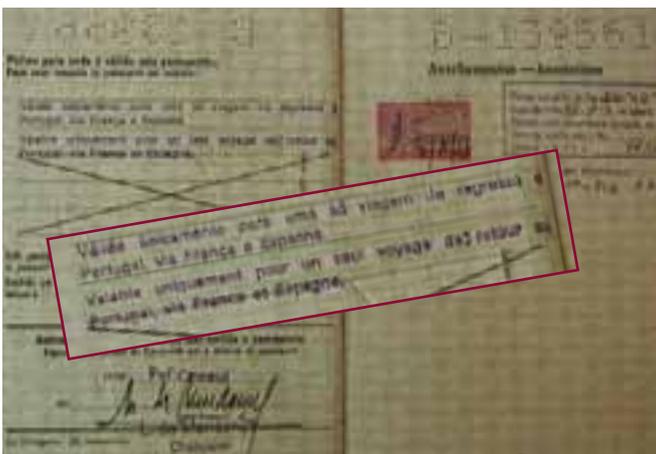
Não, ele não tinha arranjado nada. De maneira que tive que procurar trabalho aqui em Neuchâtel. No meio disto tudo acabei por ter sorte, porque se tenho ficado no cantão de Vaud tinha tido mais dificuldades porque não tinha passaporte.

A única coisa que fiz foi apresentar-me no consulado, em Lausanne, e um tal sr. Mendonça passou-me um certificado de nacionalidade.

No cantão de Vaud o Sistema Administrativo era um pouco como o de Berna, mais fechado, levantava mais entraves aos emigrantes, enquanto que o de Neuchâtel tinha mais abertura. De maneira que comecei a trabalhar como electricista uma vez que tinha feito esse curso na Escola Industrial. No entanto comecei a estudar aqui, Planificação e Organização Industrial, fiz o curso e fui para a empresa Duvier e mudei a minha vida. Entretanto a minha mulher, que tinha conseguido passaporte, e meus filhos vieram juntar-se a mim.

E quando conseguiu o seu passaporte?

Olhe, foi quando regresssei a Portugal, antes do 25 de Abril, que consegui um, devido ao meu tio. Depois de lhe expor o assunto aconselhou-me a ir à Junta de Emigração. Regressava, nessa altura, com a família toda, e, em Lausanne, deram-me um passaporte de *Regresso Definitivo a Portugal*. Eu nem sabia que havia esse passaporte. Como já tinha falado com ele e em 74, em Portugal, vivia-se a “abertura marcelista”, lá consegui o dito passaporte.



José Lemos

O que o levou a partir?

Em Portugal, começou a haver mais tolerância, e eu já tinha uma formação industrial bastante grande, tinha conseguido um contrato interessante na Robor (motores eléctricos) em Ovar e... houve o problema com o “antepassado” do Blocher (risos) – que criou o Partido de Extrema-Direita e aquela campanha toda contra os estrangeiros que teve grande impacto. Não fui só eu, houve imensas pessoas a abandonar a Suíça e então os italianos foram em grande número. O Movimento era de tal maneira extremista que havia cafés ostentando avisos: **“Proibida a entrada a cães e a italianos”!!!** Isso criou um mal estar terrível. Peguei na família e com um camião de mudanças pusemos em Portugal todas as nossas coisas.

Foi então um regresso, que o passaporte assinalava definitivo, mas que o não foi de todo.

Foi um regresso, sim, mas não definitivo. Comecei em Janeiro de 74 a trabalhar na fábrica de motores eléctricos Robor e entretanto deu-se o 25 de Abril e posteriormente, com o 28 de Setembro, os problemas agudizaram-se e saí por



questões políticas. Era um membro muito activo do Partido Socialista e havia uma pressão constante. A maneira de resolver isso foi abandonar o trabalho. Ingressei depois na Fopobol (fábrica de pneus), com um salário melhor e outras perspectivas. Mas a instabilidade política mantinha-se...

A instabilidade política campeava no país e, por isso, resolveu logo fazer o caminho inverso...

Não, não foi logo. Entretanto entrei no Partido Socialista e fui candidato à Assembleia de uma Junta de Freguesia; fiz parte do Sindicato e fui um dos primeiros signatários da Carta Aberta que criou a UGT – Sindicato de tendência Socialista. Sabe, eu gosto de política, mas prezo a minha independência e isso é difícil de conciliar... Houve certas coisas dentro do Partido que não me agradaram! Depois eu tinha um defeito muito grande, fui soarista, e, naquela época havia um Movimento ou uma ideologia muito grande e convinha, tinha que ser-se por Cunhal. Havia muita pressão... não vou contar esses factos porque já não têm interesse... mas, por causa deles, eu, a mulher e os filhos regressámos à Suíça. Arranjei emprego noutra empresa de Neuchâtel e lá pegámos nos móveis...

Outra vez?

Outra vez, carregar e descarregar e instalámos tudo, de novo, aqui.

A sua ligação com a RTP, como repórter, por acaso não ficou a dever-se àquele tio que lhe tinha prometido emprego?

Não. Foi o “bichinho” que trouxe sempre comigo, o desejo de fazer imagens. De resto foi sempre o meu trabalho e a minha especialidade quando fui chefe de engenharia industrial na Fopobol. Depois os miúdos cresceram e nos anos 80 comecei a equipar-me com material para fazer reportagens para a comuna e para o cantão de Neuchâtel,

Jornalista, repórter e cenógrafo

através de conhecimentos que tinha adquirido e que se revelaram de grande interesse. Portanto, em 1990, quando a fábrica, onde aqui trabalhava, fechou, eu já estava a fazer filmes. Mas em 92, apareceu no meu estúdio, em *Boudry*, a D. Anabela Santos, jornalista da RTP, que me foi apresentada pelo Sr. Mário Rodrigues – devo esse encontro a ele. Ela viu o meu material e alguns trabalhos e propôs-me trabalhar para eles.

Vinha à caça de talentos?

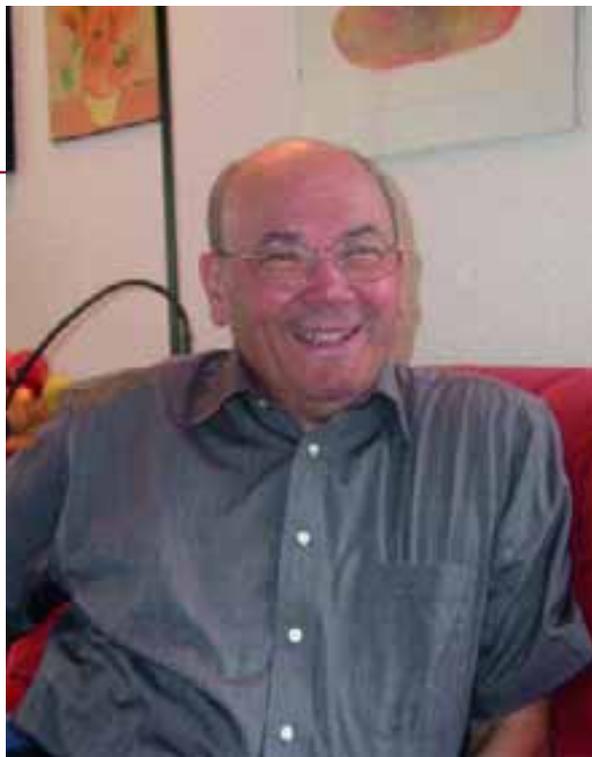
Veio fazer um trabalho interessantíssimo. Não sei se sabem que havia uma enorme quantidade de concessionários do cabo. Perto de mil, na Suíça. Ela conseguiu que esses concessionários distribuissem imagens da RTP, por cabo.

É uma história interessante essa... e o trabalho dela foi extraordinário. A maioria das associações não tinha antena receptora. Por exemplo, na associação portuguesa de Payerne, quotizaram-se os sócios para comprar uma. Custou cerca de 10.000 francos. Outras associações seguiram o exemplo ainda que em certos locais fossem até ajudadas pelas comunas devido ao grande número de portugueses que aí vivia. Genève demorou muito mais tempo, porque havia mais que um concessionário. Foi assim que a RTP conseguiu chegar através do cabo e, diga-se, é à jornalista Anabela Santos que se deve esse trabalho.

Pois foi quando esta jornalista, veio a Neuchâtel para obter a dita concessão que surgiu o convite para eu trabalhar para a RTP.

Por exemplo este ano a RTP Internacional faz 15 anos, e foi lançada pelo Marques Mendes. Sem fazer política ou politiquice temos que admitir que a ideia foi dele. Vou ver se faço uma peça sobre este acontecimento.

Sabem que havia o canal francês – TV5 – que estava a difundir para toda a costa ocidental africana e o lançamento da RTPi foi a forma encontrada para contrabalançar a influência desse canal.



A RTPi arrancou assim tal como a temos hoje?
Não. No início começou com um programa só de 6 horas, depois passou para 10 e, por fim, 24 horas. Hoje já há 4 satélites, anteriormente existia um. Este processo demorou bastante tempo. Sabe que eu ainda tenho as primeiras imagens da RTPi que filmei no Centro Português de Neuchâtel?

E continua a fazer trabalhos como repórter *freelance*?

Sim, sim. Outro dia perguntaram-me porque não entrava para o Quadro da empresa RTP. Simplesmente não entrei porque já não tinha idade. E há um limite de idade para entrar. Talvez conheça alguém que entrou depois do período estipulado e se tornou funcionário da RTP, mas devia ter sido por intermédio de alguém.

As reportagens e trabalhos do Sr. Lemos têm sempre uma vertente cultural. Aposta nisso?

É verdade. Há uma escolha da minha parte, sem dúvida nenhuma. Tenho essa possibilidade de escolha. Embora não me perturbe, de forma alguma, trabalhar para a RTP, para a TVI, SporTV... só ainda não trabalhei para a SIC.

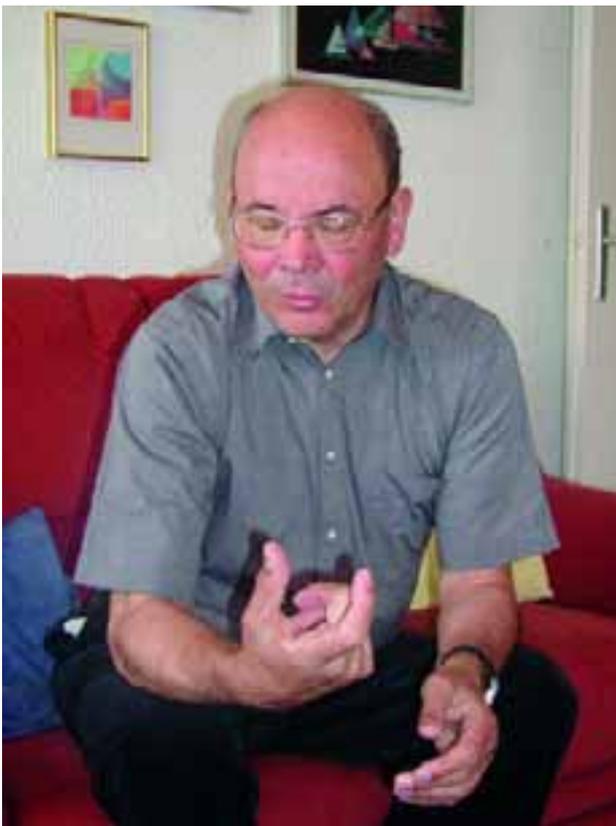
Eles não sabem a pérola que está aqui...

Não (risos), não é questão de se ser melhor ou pior... mas ainda não aconteceu.

Mas aconteceu trabalhar para o programa “Acontece” ?

Isso sim, foi um privilégio. Trabalhei durante 6 anos para esse programa. Fiz cerca de 180 repor-

José Lemos



tagens e sobretudo de ter encontrado pessoas como Philippe Jaenada, Diego Rivera, Jonh Howe que, noutras circunstâncias nunca teria encontrado e que entrevistei com muito gosto. Fiz reportagens de exposições fabulosas no Centro Pierre Gianadda, e outras ainda de Rivera, de Frida Kahlo, de Vincent Van Gogh, Miró, Chagal, Monnet... Foi muito enriquecedor, principalmente para uma pessoa que, como eu, gosta de imagens.

Quando faz um reportagem ou um registo de imagens, a sua intuição e sentimentos contam? Ou rege-se pelos parâmetros mais ou menos instituídos para fazer este género de trabalho?

O que me influencia é o movimento. Sou impressionado pelas formas, pelas cores, de maneira que filmo o instantâneo, digamos que aqueles leves

momentos onde a sinceridade está patente. E gosto mais de filmar do que fazer montagem. Gosto de me aproximar do objecto a filmar e captar toda a verdade através da lente.

Traz sempre consigo o material de trabalho? Sempre. Ando sempre com a minha câmara.

O que quer dizer que mesmo em férias, o “bichinho” da imagem continua. A sua mulher acata bem esta sua maneira de ser?

Ela suporta-me. As vezes dá opinião sobre os temas. Tive sorte em encontrar uma companheira que partilha o gosto por este trabalho. Quantas vezes me atraso, ou não chego a fazer o que tinha programado e ela desculpa-me. Os meus filhos também gostam e apoiam bastante.

Algum deles enveredou por um trabalho ligado à comunicação social?

Não, nenhum. O filho é professor de Educação Física, as filhas têm trabalhos no sector da saúde.

Pode ser que um dos seus quatro netos venha dar continuidade ao trabalho do avô. Agora explique lá: como é estar atrás da câmara a captar os rostos, as expressões... O que sente?

De certa maneira, eu gosto de filmar as pessoas, é verdade. E é verdade que o visor é qualquer coisa de extraordinário. Apaixonam-me as filmagens. Quando filmamos há um contacto que se estabelece com a pessoa ou objecto a filmar e através da tele-objectiva uma pessoa analisa... e há coisas absolutamente extraordinárias a registar que a olho nu não seriam detectáveis. Com a objectiva focalizada é diferente. Quem faz fotografia apercebe-se disso, embora eu seja um mau fotógrafo (risos) apesar de ter feito o curso de fotografia!... Sabe, é que me falta o movimento e é verdade que quando uma pessoa filma as expressões e atitudes mudam imediatamente.

Jornalista, repórter e cenógrafo

Quando vou filmar uma exposição, não foco só os quadros, filmo também as pessoas. Gosto de Arte com gente dentro.

Nunca lhe aconteceu um percalço, um contratempo durante o seu trabalho?

Já, já tive. Uma vez aqui, em Neuchâtel, estava a fazer uns planos gerais da paisagem e estava num campo a filmar. De repente vejo um tractor avançar contra mim. O condutor desce com um pau para me bater, vociferando imprecações. Tive que fugir.

Sabe que é proibido despejar águas residuais nos campos. Ele estava a cometer uma infracção e pensou que eu o estivesse a filmar para denunciá-lo. Soube mais tarde que ele já tinha tido problemas com a justiça. Já tive outros casos em que, peremptoriamente, afirmam: você aqui não filma. São pessoas que não gostam de ser filmadas – e eu francamente também não gosto de sê-lo (risos) – mas regra geral não levantam problemas.

Eu pergunto sempre se posso ou não filmar alguém. Há leis rígidas sobre isso. Podemos estar a entrar na esfera privada da pessoa. O mesmo não acontece se for uma figura pública.

Lá está a sua sensibilidade a comandar a acção.

Pois é por causa dessa sensibilidade que se sabe, ou melhor, se adivinha quais as pessoas que gostam de ser filmadas e que até procuram a câmara. Nota-se pelo seu comportamento, pelas suas atitudes.

No caso de estar a fazer um trabalho, num espaço qualquer, e surgirem figuras públicas que ficam, por sua vez, também filmadas, podem estas pedir indemnização?

Não, isso não. É mais no domínio individual. Já me aconteceu em Rhodes, na parte que é muçulmana. As pessoas ficaram muito desagradadas. Geralmente as muçulmanas não gostam. Mas



cada caso é um caso. Por exemplo tive caso com a SportTV devido ao Simão Sabrosa, que veio aqui aquando das negociações com o jogador do Ball que o Benfica queria comprar. Pois a SportTV queria que filmasse o Simão como *paparazzi*. Recusei. Telefonaram, insistiram não, não me presto a isso. Para mais tinha sabido que o agente dele não autorizava. É uma norma que respeito. Eu nunca seria um *paparazzi*. Agora que faça planos para apanhar um gesto, uma atitude...isso faço. Mas nunca com o objectivo de vender fotos. Como também seria incapaz de fazer imagens de uma pessoa em situação crítica. A minha atitude seria ir socorrer a pessoa e não filmá-la. O sentimento e a atitude humana deve prevalecer acima do objectivo de ganhar um prémio pela fotografia. Por exemplo quando foi da princesa Diana que a filmaram agonizante... ultrapassa a minha sensibilidade, isso é humana e eticamente reprovável.

A RTP, por vezes também apresenta imagens extremamente chocantes, para certo público.

Há imagens na televisão portuguesa que eu nunca faria. Aquelas intermináveis cirurgias e outras situações... Devem, sim, ser registadas para estudo dos especialistas, dos investigadores, agora publicitá-las para o domínio público é um contra-senso. Pode dar-se a informação que se quer dar, sem ser

José Lemos

preciso recorrer a imagens chocantes da dor e da agressão. Aquilo que um homem tem de mais profundo é o respeito pela vida, respeite-se, então.

Já sei que vai continuar com esta actividade. Tem trabalhos agendados?

Tenho. Tenho um ou outro dos quais estou a estudar a planificação apesar de ser um mau planificador.

Ummh! Agora é modéstia a mais. E vai continuar pela Suíça?

Vou, não estou a pensar regressar. Há uma coisa que me podia perguntar: por que razão, estando aqui há tantos anos, não me naturalizei suíço?



Diga-nos, então, porquê?

Não o fiz, apesar dos meus filhos o terem feito. Não é uma questão patriótica. Mas acho que dentro da minha sensibilidade, da minha formação, da minha personalidade, não encontro aquilo que dizem definir, ou ser, um suíço.

E falta-me, sobretudo, um elemento importante que é a minha juventude. Foi um período que não vivi aqui. E essa época, essas raízes, que vivi em Portugal, marcaram-me.

Vivi sempre uma vida simples apesar da minha família ser extremamente aburguesada. O meu avô foi médico. Tive vários juizes na família, mas eu gostei sempre do contacto com as pessoas sem quaisquer preconceitos. Esse conceito de liberdade adquiri-o nessas relações. Mas olhe que andei muitas vezes ao soco (risos)! Tudo isso foi uma escola. Mas, no entanto, tenho uma admiração muito grande pelo homem no sentido da sua universalidade.

A partir dos 16, 18 anos eu já era o que hoje sou na questão de valores e no respeito pelo outro.

Para se viver há tanto tempo na Suíça, tem de gostar-se um pouco dela, não?

Adoro a Suíça, no sentido de gostar, se bem que às vezes é um “carcan” nos princípios de base. Isto é um país com uma “ditadura” terrível devido à sua estrutura administrativa pesadíssima.

Eles estão ao corrente de tudo o que se passa com cada um de nós. Cada um de nós tem um dossiê onde tudo se regista.

Cada comuna sabe onde residem os cidadãos, onde trabalham, as saídas, as entradas, as dívidas, os ganhos, as compras, mais isto e aquilo... Não há nenhum país no mundo, penso eu, que controle tanto o cidadão.

Talvez seja a maneira que o país encontra de conservar mais a sua identidade no meio da Europa unida.

A Terra é do homem, sabe. E eu sou contra as fronteiras. Neste momento acho que os países são aberrações da Humanidade.

Há séculos atrás, o homem era mais livre nas suas deslocções. Era mais fácil atravessar fronteiras. Os países, hoje, isolam-se, de certa maneira. De resto houve o muro de Berlim, há muro de Israel, toda uma série de barreiras... Tudo isso vai contra o meu pensamento. Talvez por causa disso deixei se ser patriota e passei a ser europeu.

Jornalista, repórter e cenógrafo

Particpei até nessa campanha, em 76, “A Europa connosco”. Havia essa necessidade realmente. O Homem tem todo o interesse em tornar-se “cidadão do mundo”. Isso vai chegar um dia, não sei quando, mas vai chegar!

O fluxo de emigração constante. A deslocação de pessoas de um continente para outro, pode ser que ajude. Se repararmos, até no nosso país, as escolas são frequentadas por alunos de diferentes nacionalidades...

A emigração, em Portugal, é o fenómeno mais extraordinário deste último século. Portugal foi a nação criada por Fenícios, Gregos, Romanos, Visigodos, Árabes e sei lá que mais... e houve um momento em que sistemas de Governo fecharam as fronteiras ao resto do mundo, sobretudo no regime salazarista. Eu pertença à geração pós – Grande Guerra e sei o que isso foi. Perdemos o contacto com outras culturas. O que nos aconteceu? Um povo que descobriu outro mundo ficar isolado? Por isso digo que a imigração que entra em Portugal é qualquer coisa de bom, outra vez. É neste contexto que essa juventude talvez não vá ligar tanto às fronteiras. A mestiçagem e a aculturação expandem-se.

A emigração do seu tempo conseguiu afirmar-se aqui. E hoje é mais difícil ou mais fácil?

Há uma diferença enorme. Quando eu cheguei, em 63, havia dois mil portugueses, em toda a Suíça e hoje talvez ultrapássemos os 200.000. Evidentemente que as condições de hoje são melhores. No salazarismo havia imensas dificuldades para sair de Portugal. Uns conseguiam um passaporte por 90 dias, findo os quais tinham que regressar para evitar problemas. Outros, como eu vinham a “salto”, sem passaporte algum. As condições eram difíceis mas tínhamos que nos adaptar. Ao passo que hoje, dá-me prazer ver as pessoas virem de avião ou no seu próprio automó-



vel de matrícula portuguesa. De maneira que esta emigração actual já beneficia das transformações ocorridas em Portugal.

Eu recordo ainda, quando fui a Portugal e no Porto, na zona da Fontaínhas, estacionei o meu carro. Um carro pequeno, sempre tive atracção por automóveis pequenos. Vejo neles um veículo para utilizar e não para ostentar riqueza ou qualquer outro *modus vivendi*.

E então o que aconteceu depois de estacionar na Fontaínhas?

Uns miúdos vieram, observaram as letras CH e exclamaram: “Ah! Este carro vem da China!”

Realmente naquela época (67), com o tal passaporte de “regresso definitivo”, não havia muitos carros.

A emigração actual já está bem integrada. É também por isso, e é preciso dizê-lo: por causa disso que eu faço as reportagens.

Eu disse que não era português, no sentido patriótico, mas há uma coisa que para mim é importante: é a forma, o sentido, que nós temos de ver o mundo; de nos integrar; de estar sempre disponíveis.

Ao fazer as reportagens tento mostrar essa capacidade de integração; demonstrar o que somos capazes de fazer, quando bem orientados.

José Lemos

Fiz reportagens sobre o jovem que ganhou o campeonato do mundo de pintura; do Telmo que foi finalista da Escola de Ballet de Lausanne, ficou entre os seis melhores e agora frequenta a Escola de Ballet de Moscovo; de dois coreógrafos que vieram apresentar aqui um excelente trabalho de bailado; do construtor do estádio do Xamax (300 milhões de francos), português com centenas de



portugueses também lá implicados; do construtor do viaduto e do túnel aqui desta zona de Neuchâtel; dos jovens que receberam, aqui, diplomas de formação profissional, enquanto que em Portugal descuram essa formação - é uma das carências mais notórias no mundo do trabalho no nosso país. Enfim, gente com uma capacidade de realização e gestão formidáveis.

Filmo também o folclore, é verdade, o movimento, como disse atrás, apaixonava-me; mas também porque tive um professor de História, Pedro Homem de Mello - deu-me 20 valores - que me incutiu o valor cultural desta manifestação. Ele estudou o nosso Folclore profundamente, bem

como as tradições e costumes populares que lhe estão implícitas.

E eu, digo-o com franqueza, quando faço esses trabalhos, faço-o com sentido didático. Quem sabe se alguém vendo estes testemunhos se entusiasma e pega também na ideia?

Em todo o caso a minha linha é esta: mostrar o positivo. Para “bater no pobre”, não vale a pena porque em todos os lados há dificuldades.

A sua maneira de olhar positivamente, para as coisas já tem um pouco de mentalidade suíça... Há uma coisa muito importante na minha formação que não posso deixar de dizer: a minha maneira de ver televisão, de fazer televisão, de fazer imagens, a minha formação prática tem muita influência da televisão suíça e francesa. Há pessoas que não gostam que o diga mas é verdade.

A televisão suíça é mais sucinta, pragmática e sobretudo positiva. Enaltece com ênfase os seus produtos.

E sobretudo há uma tradição de “*bien faire*”, que nós nunca tivemos. Por exemplo eu nunca frequentei uma escola de documentaristas ou de cinema... Parece que estão já a aparecer algumas mas não com o fundamento e necessidade de uma formação exigente, como deve ser.

Oxalá que o cinema português, que está a ganhar terreno na Europa, com estes jovens cineastas, não estagne, que eles o consigam impulsionar e impor.

E oxalá que o José Lemos continue a registar o mundo à nossa volta. A enriquecer-nos com as imagens, os documentários; a fazer-nos reencontrar as nossas raízes, com autenticidade!

Luz Neto e António Pinheiro

A Alfabetização dos adultos (lembrança ao pessoal)



As experiências vividas com um Projeto de Educação de Jovens e Adultos nos ensinaram muito além daquilo que naturalmente esperávamos. Sabíamos, por exemplo, que se aprende a ensinar através da experiência de vida do aluno, fosse ele um operário da Construção Civil, um rapaz que vive nas ruas de nossa cidade ou uma senhora idosa cujos parentes a tenham deixado num asilo de velhos, ou ainda uma crente evangélica que anseia ler a Bíblia Sagrada mas não pode. Mas não sabíamos o suficiente. O processo de construção de uma classe escolar produtiva, objetiva e prazerosa depende também de um grande aprendizado do professor no que se refere a política; sim, a política, essa atividade humana pela qual uns caem de paixão e outros, exatamente ao contrário, sentem um tamanho mal-estar só de ouvir a tal palavra. Mal sabemos, todos, que estamos atolados nesse mar até o pescoço. Contudo podemos discernir, tentar separar o joio do trigo, esclarecer e colocar as coisas em dia... discutir, na medida do possível. Isso talvez possa vir a contribuir com o mundo da Educação. E ademais... as trocas de experiências foram sempre bem vindas.

Foi assim que uma das prefeituras do Vale do Aço de Minas Gerais (1), tomando conhecimento (através de um colega) de minha experiência passada na FEBEM (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor), onde trabalhávamos com meninos de rua, resolveu me convidar para desenvolver um trabalho na área social daquela cidade aciera, onde já se espantava com o surgimento de sérias complicações sociais devido ao seu caráter *ræbedor*(2).

Esse teria sido um trabalho realmente político na acepção correta e completa da palavra. No entanto acabei por abraçar a causa da alfabetização de adultos. Ocupei todo o meu tempo com essa nova tarefa. Criamos, meu colega e eu, um verdadeiro movimento de alfabetização de Jovens

e Adultos. Paixão viva, dedicação sem limites, transbordamento de criatividade, muito sonho e uma dose excessiva de ingenuidade político/administrativa. A *Política* (quer dizer, o mandato) por sua vez, recém empossada, já tinha sua *estrutura*, tinha seus planos, suas controvérsias e seu desgaste interno. Não obstante, meu colega e eu, plantávamos nossos sonhos com as ilimitadas dedicações que atravessariam a fronteira do estabelecido pela expectativa burocrática. Todo esse



ânimo foi, mais tarde, estupidamente frustrado. Éramos sem o saber, precipitadamente, usados num processo de afastamento de um outro grupo (imediatamente anterior a nós) de *Dirigentes Alfabetizadores* indesejado pelo Prefeito.

Fizemos contudo o nosso trabalho que foi, em verdade, o avesso do avesso da Política vigente. Declaro que isso não significa necessariamente

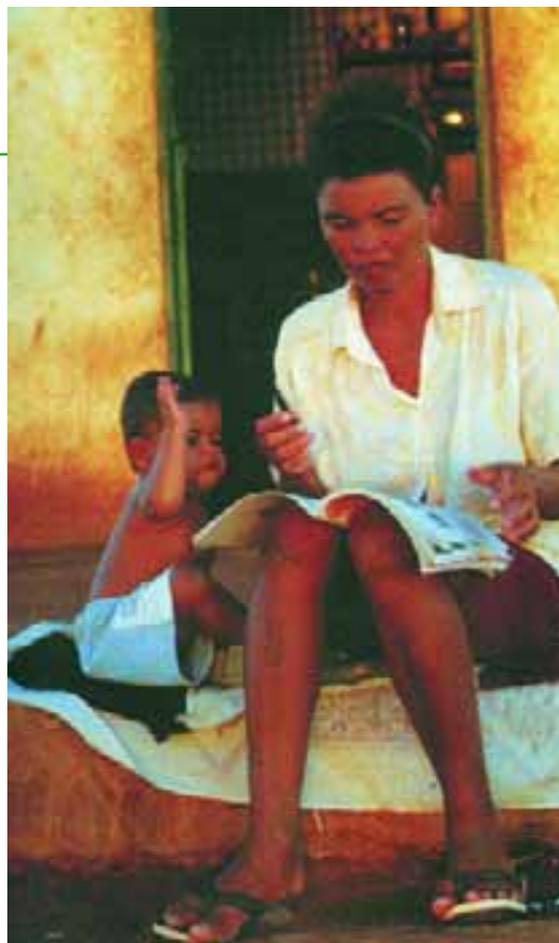
A Alfabetização dos adultos (lembança ao pessoal)

progresso. O fato é que aprendemos muito mais que ensinamos. E ensinar era a nossa meta, pelo menos na época.

A única coisa que posso dizer com certeza (e muito resumidamente) é que, quase por acidente, a Alfabetização de Adultos passou a ser o meu leme, o eixo orientador de meu trabalho social. É através dela que até hoje me aproximo com mais intimidade do mundo das pessoas simples de meu país e do mundo afora. Foi através da “Pedagogia como Prática da Liberdade” que minha escolha política se fez mais clara, mais corajosa e mais sincera.

A todos meus ex-colegas de luta na busca do melhor método de aprendizagem e do diálogo com o nosso povo, pedreiros, carpinteiros, varredores de rua, vagabundos, idosos das casas de asilo, engraxates, biscateiros, prefeitos, detentos, evangélicos, vereadores, católicos, donas de casa e ateus do Vale do Aço, vai o meu forte abraço e o testemunho de uma saudade que jamais conheci em terras brasileiras. A saudade de uma nação. A saudade de um Povo. Saudades do Brasil.

“A Região Metropolitana do Vale do Aço é composta pelos municípios de Ipatinga, Coronel Fabriciano, Santana do Paraíso e Timoteo.



Trata-se, do ponto de vista técnico, na verdade, de uma aglomeração urbana, com 451.224 (2007) habitantes, numa área de 671 km², numa densidade de 670 hab./km². A região tornou-se conhecida internacionalmente em virtude de grandes empresas que se encontram na região, como por exemplo a ACESITA e a USIMINAS (metalurgia) ambas com um crescente volume de produtos exportados.” (origem: Enc. Wikipédia)
Região recebedora em oposição a “região de origem” ou expulsora, a exemplo de São Paulo em relação ao nordeste dentro da história das migrações internas do Brasil.

O seu site. A nossa imagem. Os mesmos objectivos.

- Alojamento Web desde 1.95€
- Domínios a partir de 7.90€
- Construimos sites profissionais

WEBHOSTPT.com
MAIS SOLUÇÕES PARA SI!

www.webhostpt.com

Sapatos Pretos



data do concerto aproximava-se a passos largos. Urgia preparar a roupa adequada que habitualmente usamos em palco e os sapatos pretos, obrigatórios.

Sapatos? Abri uma e outra e mais outra gaveta e nem rasto deles. Algum tempo depois já não havia móveis, cantos e recantos da casa que não tivessem sido vasculhados.

– Noémia, viste os meus sapatos pretos?

– Eu é que sei dos teus sapatos, procura-os na sapateira.

– Não, não estão lá, já estou cansado de abrir e fechar gavetas...!

O Martin (instrumentista na minha banda) rigoroso como é, implicaria comigo. Nos concertos exigia apurmo e, condição *sine qua non*: todos os elementos do grupo deviam calçar sapatos dessa cor.

Fui infractor nesse espectáculo e noutros, questionando-me, permanentemente, sobre o local onde estariam os sapatos... e se os tivesse deixado em Portugal?

Nas férias seguintes, em Portugal, iniciei outras buscas pormenorizadas mas o desaparecimento dos ditos continuava um enigma sem resposta. De regresso à Suíça, novos concertos, novas recriminações do Martin, às quais replicava:

– Mas para que é que eu vou comprar outros, quando “tenho a certeza” que já tenho um par de sapatos pretos?

Outras idas e vindas a Portugal e nada. Os sapatos tinham-se evaporado inexplicavelmente.

De novo férias e, como sempre, estas arrastam-se entre convívios, passeios e “finos” gelados com os amigos.

Numa dessas tardes estivais, quente e desocupada propõe o meu cunhado: *antes de irmos para casa, passamos por casa do meu irmão e compramos leite.*

A casa deste fica rodeada de outras o que permite um convívio salutar e desprezioso entre



vizinhos. Um destes é o sapateiro da aldeia sempre com boa disposição.

Enquanto o meu cunhado estacionava o carro, em frente da oficina, sai a esposa daquele que, ao ver-nos, saúda-nos com entusiasmo:

– Olha o Álvaro! Por cá outra vez? E veio buscar os sapatos...

Não reflecti nas palavras ouvidas, naquele instante, e já de novo a caminho... num impulso voltei atrás e questionei:

– Você disse... sapatos? Falou em sapatos?

– Sim, falei! Falei dos teus sapatos pretos que cá deixaste, desde a última vez que aqui estiveste. Foi quando compraste uns sapatos novos e *mêhome* pediu-te para deixares os sapatos pretos que ele dava-lhe uma engraxadela...

– Os meus sapatos estão aqui?

– Estão aqui, *home*, há tanto *teeempo*!

Senti invadir-me por uma alegria interior inexplicável. Enfim! Tinha encontrado os meus sapatos pretos...

Quem não trabuca não



encontro estava previsto às 8h15. À boa maneira de cidadãos atentos, chegamos bem antes da hora prevista, cumprindo o slogan de uma administração responsável: quem chega a horas, está atrasado.

– *Estamos todos* – disse para mim próprio, olhando, de soslaio, a timidez nascente da apresentadora de serviço. Vestida de um castanho de magusto, alta, com um corte de cabelo à “garçon”, a fiel transmissora dos desejos do departamento de solidariedade, inclinava-se, repetidamente, sobre o monitor do computador.

– *O monitor deve ter uma função de espelho* – pensei. Mas espelho para quê?

– *Ela nunca conseguiria impressionar ninguém* – acrescentei, na linha seguinte dos meus pensamentos distorcidos! Faltava-lhe aquele carisma que agarra, pela ponta do desejo, o fio da ilusão e desperta um movimento de narinas, mais abertas.

– *Estávamos, mesmo, todos* – confirmei com a cabeça, como que acena a uma deusa, socorrista de desajeitados da vida. Todos aqueles que tivemos o azar de nos encontrarmos na intersecção errada da economia com as necessidades de mercado, no momento menos adequado, estávamos lá.

– *O tempo e a economia* – disse, ainda, para os botões do meu casaco – *não se compadeçam com idades, ambições, relações, paixões, despesas e sonhos de pacotilha.*

Divagando, assim, entre as frases sufocadas da senhora e a apreciação visual de uma sala cheia de desesperos, ouvi uma voz da infância anunciar: *Faz-te um homem, rapaz* – diria aquele meu tio, guardador de vacas, comprador de gado e filósofo, nas missas de domingo e dias santos.

– *Olha que a vida é difícil* – acrescentaria, no momento de saltar para o selim da velha bicicleta – *e se não te pões fino, vais para pedreird.*

O mundo mexe, sem saber que existem prazeres escondidos no sotaque da mulher de saia aver-

melhada, sentada na primeira fila de cadeiras, desajeitada, gorda de mais e atrevida. Ou que o cavalheiro sentado à minha direita, já nem sabe quantas vezes aqueceu as cadeiras da sala do 3º andar. É uma espécie de “intermitente” da vida, porque intermitente do trabalho. Ou seja, faz umas coisas no meio de outras e, de repente, porque a obra acabou, fica a imaginar outras obras mais imediatas. Pode ser um palhaço que faz rir as crianças do bairro ou as meninas, mais crescida, da escola dos grandes. Nessa manhã de Outubro, ficaram-lhe, somente, as marcas da noite e as rugas da vida. Quarenta anos, se tanto. Nada disse, como eu, deixando-se vogar ao sabor das palavras da senhora alta e das ilusões próximas. Ou ainda, aquele senhor, calvo e esguio sentado, no topo da sala, de uns sessenta e poucos anos, deveria imaginar que estava num filme, a contra gosto e a contra corrente: tinha, no olhar, o cansaço da vida e, nas mãos, a garra de um guerreiro, longe da rendição. Apesar da idade.

– *A modernidade tem destas coisas, assim estranhas, desencontradas e silenciosas* – pensei, agitando-me na cadeira. Mas ficamos, todos, em silêncio ou calados, se esta palavra for mais adequada. Será por medo ou porque esperamos a chegada de um grupo de anjos, em fileiras cerradas de brancura e de ternura? Ou será que estamos à espera da delegação de uma multinacional, em fase de expansão, para recrutamento imediato?

– *Minhas senhoras e meus senhores* – disse, ainda, a acastanhada senhora do Governo, - *os prazos são para cumprir! Não esqueçam que o dia 25 de cada mês exclui, liminarmente, o dia 24 e o dia 26* – acrescentou, introduzindo, nas nossas cabeças, a noção de castigo.

– *O cumprimento dos prazos é uma garantia de bom andamento dos processos. Um atraso no cumprimento dos prazos pode levar a um sério atraso no pagamento das vossas prestações* – rematou, a frase, assinando-o com a cabeça leve.

Pensei, de imediato, qual seria o espaço de

manduca

“incumprimento” a conceder, como uma flor a tão distraída assistência. Nenhum, conclui, sem esforço.

– *A modernidade tem destas coisas, assim estranhas, descontraídas e silenciosas* – repetiu a minha consciência, deslavada e distraída. Coisas estranhas, que arrastam idades, sonhos, projectos e, em casos extremos, conseguem precipitar a vida no poço de um silêncio, sem tempo e sem fundo.

– *Mexam-se, procurem, telefonem, escrevam, visitem, façam o que quiserem, sejam persistentes e teimosos* – disse, já com a energia mais distante, a senhora cujo computador deveria estar, igualmente, cansado de a ver e de a ouvir.

Senti, nesse momento, que os desdobráveis, distribuídos no início da reunião, deram um salto de contentamento, nas minhas mãos frias e nas mãos de cada um dos ouvintes/visitantes, que os folheavam, distraídos.

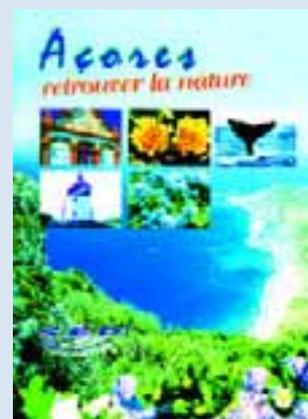
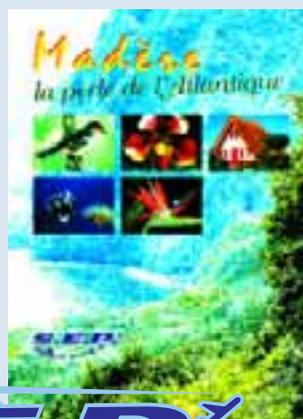
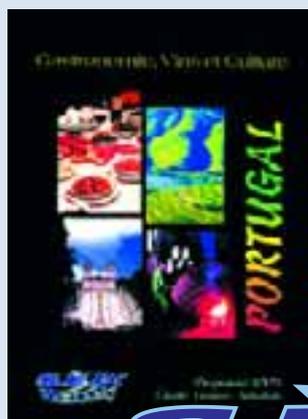
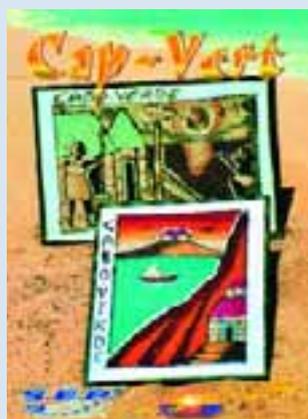
– *A utilidade económica é um dos valores da sociedade e da vida* – deveriam sussurrar todos, todos sem excepção, falando para dentro da esperança,



anunciando um rascunho para discurso novo da senhora do tal Departamento oficial.

Emprego correcto, trabalho, sossego, descanso, felicidade... possivelmente, eram os desejos que gatinhavam no solo da sala do 3º andar do edifício do Departamento da Solidariedade e do Emprego do Cantão e República de Genebra. Estivemos e ficamos, todos, calados, apreensivos, distantes e pensativos.

Voltaremos lá, um outro dia, talvez, com o desejo mais curto e a respiração mais ofegante! Para encontrarmos uma oportunidade de trabalho e de salário. Para exorcizarmos, por alguns meses ou anos, o sofrimento do desemprego e da desesperança.



A Agência que lhe propõe e aconselha com dinamismo todos os destinos das suas férias, segundo o seu desejo.

Solicite os nossos catálogos!

www.sepvoyages.com
agence@sepvooyages.com

L'agence qui vous propose et vous conseille avec dynamisme toutes les destinations de vos désirs.

Demandez nos catalogues!

J' aime pas

Dedicado ao João Gonçalves, *in angustiiis*



Hoje, toda a noite é uma noite de Astérix: a Madeira tornou-se, para o bem, ou para o mal, na Aldeia dos Irredutíveis, e o decadente Governo do "Cont'nente" vai precisar de novos entubamentos, todavia, a verdadeira Gália tornou-se perigosa: a França raramente implode, e, quando explode, é sempre na direcção do Planeta Europa.

Gosto demasiado de Constantinopla e das nossas cidades gregas da Ásia Menor para poder perder tempo com subúrbios de Lutécia: quem os criou que os coma.

Sempre desconfiei dos regimes que colocavam Chefes da Polícia na Presidência da República, fossem eles os U.S.A. ou Todas as Rússias.

Não, não se trata de melancolias sobre Ségolène: um nome desses estaria "fanné", pelo menos, desde a "Belle Époque", e a França-mulata, prevista, há meio século, por Ezra Pound está agora nas mãos certas de quem a queira fazer explodir. Para quem não se lembre, a primeira vez que

desatou aos gritos, levou 200 Anos a acalmá-los, e não se acalmaram muito, aliás, não se acalmaram mesmo nada.

Não irei a Paris, nos próximos tempos.

Etiquetas: 200 Anos de Terror, Sarkozy

Dedicado a todos os filhos dos imigrantes, que nunca serão Presidentes

Dedicado ao Fado Alexandrino, *in excelsis* (ele, não eu)

Não gosto de caras de Bilderberg. Ostentam traços de verniz e nunca lhes conseguimos realmente sondar o interior. Invariavelmente mentem, com todos os dentes, até deterem o Poder Absoluto. Quando o Patrão lhes toca a sineta, abandonam o palco, e seguem em direcção ao seguinte. Há um filme, mediano, "Equilibrium", onde a coisa está mais ou menos esboçada.

Para mim, ariano puro, filho de mim próprio, desimigrado das Esferas Altas, Sarkozy não existe. Assustavam-me os tiros, em Paris, os

Millennium

bcp

A vida inspira-nos

Genève:

Rue de Lausanne 54 • 1202 Genève
Tel. 022 908 38 48 • Fax 022 908 38 45
Tel. câmbio 022 908 38 40

Lausanne:

Place Chauderon 18 • CP 5343 • 1002 Lausanne
Tel. 021 320 99 32 • Fax 021 312 46 34
Tel. câmbio 021 323 51 34

Zürich:

Wyssgasse 6 • 8004 Zürich
Tel. 044 296 60 40 • Fax 044 240 50 45
Tel. câmbio 044 240 50 46

Sarkozy...

bandos que dominam o centro da Cidade, o antro devastado de Les Halles, os transportes, transformados em campos de batalha, de vomitório de gerações de transeuntes pé-descalço, os parisienses, de olhos postos no chão, numa espécie de “1984” involuntário.

A França, como todas as grandes culturas europeias, está doente.

Sofre do mal terminal das grandes urbes de acolhimento: perdeu o élan vital que a tornava Centro do Mundo, com poder suficiente para pôr a girar, em seu redor, todas as culturas da Terra, que a procuravam como palco. O palco ruiu, Paris é um cenário, mas as peças são todas barrocas e bárbaras, é um Hip-Hop permanente, capaz de fazer corar Racine e Molière: por baixo, “la racaille” espezinha o que não compreende; pelo alto, chineses, coreanos e japoneses, espezinham o que não entendem. Toda a gente tem de deixar a marca do seu polegar no Imenso Cemitério. Ao reentrar em Roma, Constâncio II, conta Ammiano Marcelino, se não me engano, montado no seu cavalo, baixava a cabeça, ao passar por debaixo de cada arco do triunfo, com medo de lhe bater com a testa, esquecido de que cada um tinha sido arquitetonicamente traçado à escala de sobre-humanos: ele era o Imperador de um tempo menor. Um dia chegará em que os parisienses terão medo de passar por debaixo do Arco de l'Étoile. Detestei quando Sarkozy comemorou, na sua pequena comarca, um 14 Juillet separado do enorme cadáver que se chamava Chirac: eu estava muito lá no alto, e via Paris inteira, mas ele não sabia que eu já sabia que ele estava a anunciar o Advento da VI República, o sonho de Bilderberg. Os Reich já não nascem na Alemanha, e, enquanto nós nos entretemos em supostas querelas entre grupos semi-secretos, maçónicos e opusianos, um segundo nível de Domínio Obscuro já reina. Pode gerar fan-



toches, que espezinhamos, com gosto, todos os dias, como Sócrates, mas que são formidavelmente mediócras, ou à justinha, como Blair, que se manteve no seu papel, obedecedor e mentiroso até ao fim, e agora abdica, calmamente, como Diocleciano, no fim da Primeira Tetrarquia, todavia, nunca vi rosto tão duro e determinado, como o de Sarkozy: ele agride-me visual e sonoramente. Como em Ratzinger, há um nome que é um chicote, e um fâcies de facinora. A França tem um Presidente cujo nome ecoa o de um cancro. Vem para inaugurar a VI República, a República dos genes, uma Fortaleza, que lembrará as últimas muralhas, de Aureliano, até que a Cidade das Luzes sofra, sob espanto, os seus derradeiros saques, o pão que o Diabo amassou, e, com ela, anuncia enfiar-se pela terra adentro, todo um modo de estar civilizado, acolhedor e Ocidental.

Nunca gostei de Húngaros, descendem de Átila, Rei dos Hunos, mas isto é a minha despropositada tirada final, demagógica e xenófoba, mas ao “goût du Temps”...: “Je crache sur la mine des fils des immigrants, surtout, des Hongrois”.

Etiquetas: IV Reich, Sarkozy, VI República

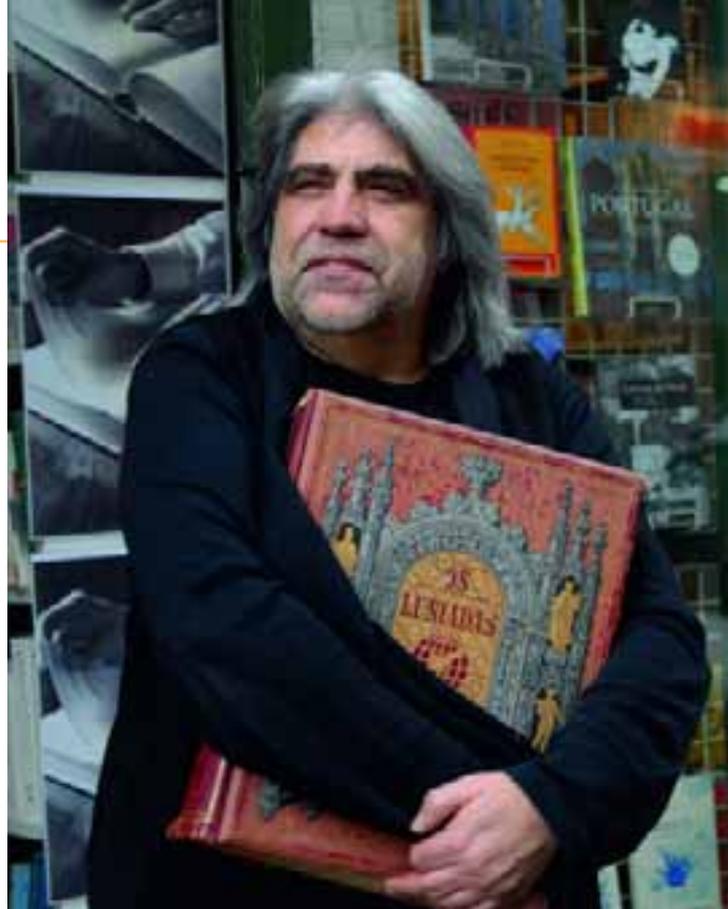
Radicado há 33 anos em França, João Heitor é hoje sinónimo de livro entre a Comunidade Portuguesa residente no país. Livreiro e editor, há 20 anos que difunde a língua e cultura nacionais a partir do coração do “Quartier Latin” Parisiense onde a sua “Librairie Lusophone” é considerada ponto de encontro por todos quantos amem as letras em português.

Foi João Heitor quem, no seu jeito descontraído, primeiro me chamou a atenção para a pequena placa alusiva a António Nobre colocada na fachada do nº 12 da rue de la Sorbonne, onde o poeta viveu entre 1890 e 1891. No rés-do-chão existe agora um pequeno e colorido “Sun coffee” cujos “paninis e viennoiseries”, profusamente anunciados, roubam protagonismo às placas alusivas aos dois poetas que lá viveram. António Nobre e, mais tarde, Ossip Mandelstam partilharam vista para a soberba Sorbonne que domina o “Quartier Latin” e cuja fervilhante vida cultural terá servido de inspiração ao poeta português para a escrita da sua primeira obra - “Só”, editado em Paris em 1892.

No olhar de João Heitor ainda se sente o brilho quando relata as dificuldades superadas para realizar tal homenagem ao autor de “Lusitânia no Bairro Latino” precisamente por se tratar da vizinhança da afamada universidade. Hoje, vencidas as adversidades, é com prazer que indica o itinerário de menos cinco minutos que separa a sua livraria da antiga casa do poeta.

Nas redondezas da rue de Sommerard, onde há 20 anos abriu pela primeira vez abriu a porta da sua “Librairie Lusophone”, todos o conhecem como o “português dos livros”, designação que o enche de orgulho.

Quando há 36 anos deixou de Portugal, João Heitor era um adolescente idealista que encontra-



ra motivação para partir nos grandes ideais universalistas com que tivera contacto, por via educacional, no seio de uma Congregação Cambodiana, em Viseu.

Antes de se radicar em França, em 1974, passou 3 anos a estudar e a trabalhar em Espanha, contribuindo para a formação do homem que mais tarde se viria a licenciar em sociologia pela “École des hautes études en sciences sociales”, em Paris. Hoje reconhece que possui “o espírito estruturado pela metodologia da escola francesa” que combinada com o “lado poético e espontâneo do homem e da mulher portuguesa” o dotam das ferramentas de combatividade e dinamismo necessárias para o exercício da profissão que elegeu.

A sua chegada “às letras”, com a abertura da livraria em 1987, fez-se naturalmente através da paixão que sempre tivera pelos livros e pela cultura portuguesa. Para trás ficara o tempo do ensino do português a gerações de imigrantes portugueses em França e das reivindicações culturais das diversas estruturas associativas que, enquanto jovem recém chegado a Paris, ajudou a construir. Hoje, aos 55 anos, conta com a satisfação de saber que “marcou a comunidade pelo livro” e com o prazer de poder atender, com afabilidade, todos aqueles que cruzam a porta da sua livraria em busca de autores lusófonos, no idioma original ou nas múltiplas traduções em francês que também comercializa. Sabe que a sua livraria se tornou um

Portugueses de diáspora João Heitor

Lusitânia no Bairro Latino

ponto de encontro, onde elementos da comunidade portuguesa e estrangeiros de diversas nacionalidades se juntam em torno da cultura portuguesa. Sorri com alegria quando recorda que muitos filhos de emigrantes tiveram o primeiro contacto com a literatura portuguesa

através da sua “Lusophone”. “Fiz pontes, fiz janelas, é isso o mais bonito do meu projecto”.

Há cerca de 6 anos atrás resolveu correr um novo risco e juntar a edição à sua já longa carreira de livreiro. Para este homem, nascido na Meda, que “para ir ao encontro do sonho vendeu tudo” lançar-se na edição tornara-se algo de inevitável, essencial para divulgar o que de melhor se vai produzindo no seio da comunidade portuguesa em França. Fundou então a “Éditions Lusophone”, dedicada à edição de autores lusófonos, que traduzam a riqueza da língua portuguesa. De seu catálogo, que conta já com cerca de 60 obras, destacam-se as obras da colecção “Testemunhos”, onde múltiplas obras de lusodescendentes foram já publicadas, e da colecção “Universitária”, dedicada à publicação de temas filosóficos - como “L’Universel et le Singulier dans la saudade - une philosophie de l’interculturel” de Adelino Braz, doutorado em filosofia pela Universidade de Paris I/ Panthéon Sorbonne - bem como de “outros actos e temas universitários”.

Para João Heitor, assumidamente “livreiro bulímico”, função que protagoniza com maior prazer, “todo o tempo é pouco” e as cerca de duas horas que dura a viagem entre casa e o trabalho é passada a ler. Na livraria guarda religiosamente os manuscritos e algumas provas de livros a editar proximamente. Confessa que tem, como “agente difusor da cultura portuguesa”, “planos até ao fim

da vida” e que nos seus sonhos por realizar se encontra ainda a publicação de um livro da sua autoria para o qual até já tem título - “As memórias de um pequeno livreiro português no Quartier Latin”.

(texto publicado na revista “Magazine Artes” de Abril 2007, revisto em Maio 2007)

<http://www.susanapaiva.com>

O Montepio está
onde você estiver.

Há uma coisa de que as comunidades portuguesas residentes no estrangeiro nunca vão sentir saudades: do Montepio. Em Portugal e na Suíça o Montepio mudou, mas continua sempre a seu lado, pronto a ajudá-lo nas diversas fases da sua vida. E isso nunca vai mudar.


Montepio
Valores que crescem consigo.



“Les pierres comme les hommes sont fragiles”

Esta frase inscrita no painel de informações, no castelo de Coppet, lembra o quão importante é cuidar do património para que outras gerações o possam desfrutar.

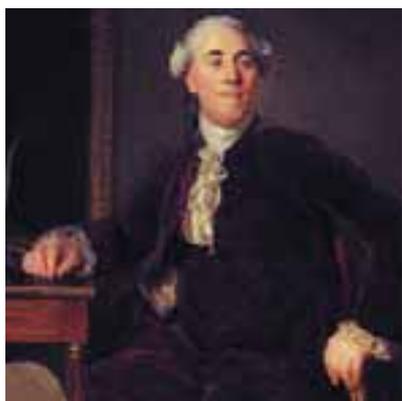
Não fosse Coppet, pequena vila na margem do



Léman, pertencer ao cantão de Vaud, pensaríamos estar numa prosaica localidade da Suíça alemã. Todo o aglomerado urbano guarda os traços do domínio “bernois” que ocupou esta região no séc. XVI. O tra-

çado das ruelas, a arquitectura das casas, o cinzento dos materiais, criam a dita atmosfera “lemannique”. São uma constante as arcadas, os chafarizes floridos, bem como típicos painéis identificando os locais de comércio

Em 1764, Jackes Necker, político genebrino, casa com Suzanne Curchod, filha de um pastor protestante, do cantão de Vaud.



Ela exercerá grande influência quer encorajando-o na administração, nas finanças e na política, quer conseguindo contactos com a melhor sociedade e homens letrados de Paris onde, entretanto, fixaram residência, e que, paulatinamente contribuíram para a ascensão de Necker. Foi ministro das finanças de

Luís XVI e o fundador do “Banque de France” - a construção do hospital Necker de Paris a ele se deve também. O “salon de Mme Necker” no hotel D’Halwyll, propriedade da família, em Paris, passa a ser um local frequentado pela

“cultura” e “literatura” da época sem relegar a “filosofia” e o “tout le monde” das Artes.

Anne Louise Germaine Necker, única filha do casal, será educada neste meio. A mãe vela para que nada seja descurado na educação de Germaine. Aprende inglês, latim, música, dança, frequenta teatros, escreve, aperfeiçoa a dicção e, sobretudo, lê. Lê muito e bons autores o que a torna culturalmente superior às jovens da sua idade.

Em 1786 casa com o varão Eric-Magnus de Staël-Holstein, sueco, embaixador da Suécia em Paris. Este casamento, arranjado, não serviu para estabilizar emocionalmente Anne Louise que outras paixões viverá, depois de enviuvar em 1802, sempre com intelectuais e políticos: Louis de Narbonne, Mathieu de Montmorency, Talleyrand, Benjamin Constant e Albert de Rocca.

O prestígio da sua família abria-lhe todas as portas e, com as amizades conquistadas, criou o seu próprio círculo de reputadas intelectualidades.

Quando incompatibilizada com o Governo de Napoleão Bonaparte - que nos primeiros tempos apoiou e, posteriormente, escrevia: “*o que caracteriza o Governo de Bonaparte é o desprezo profundo por toda a riqueza intelectual do ser humano, tais como: a virtude, a dignidade, a religião e o entusiasmo*” -, fixou residência no castelo de Coppet.

Necker tinha-o comprado e oferecido à sua dilectta filha. Nos dois chafarizes da entrada mandou gravar duas datas: a da compra, 1784, e a do nascimento de Anne Louise, 1766.

Chateaubriand, quando em 1805, visitava Mme Staël, deslumbrado com a habitação da amiga, exclamava: “*Si j’avais comme vous un bon château au bord du lac, je n’en sortirais jamais*”.

Alguns dos móveis do hotel de Paris foram trazidos para recheiar os interiores desta habitação cercada de frondoso parque e jardins.

Franqueados os portões de entrada, atravessamos o espaço ladeado, à direita, pela casa das prensas - o

Coppet château

pisar das uvas, a vinificação eram feitas nestas dependências, hoje local de concertos, conferências e aposições - e à esquerda as antigas cavaliças. Passa-se então ao pequeno “pátio do honra”, bem cuidado, e eis-nos no vestíbulo. Nele depara-se com um trabalho escultórico do alemão Tieck, em mármore de Carrara, representando Jackes Necker, de pé, qual tribuno romano discursando no Senado envergando uma toga romana drapeada.

Percorrendo o rés-do-chão da moradia, vemos a sala de jantar onde se destaca a vitrine com algumas peças de porcelana branca de Paris ostentando o S (gótico) de Staël Augusto (filho mais velho de Mme Staël). Em cada um dos ângulos do tecto há um símbolo evocativo das quatro estações. Ao lado desta sala de refeições, mais utilizada no Verão, existe um pequeno espaço com lavamãos e um piano, talvez para animar, musicalmente, os repastos. Existe ainda, no rés-do-chão, a casa de banho com os adereços característicos, simples, e uma enorme cozinha, com a lareira, ao fundo, e os utensílios, em cobre, ainda nos primitivos lugares.

Voltando ao vestíbulo e espreitando as horas no relógio inglês (séc XVIII), que continua, infatigável, a mostrar o dia e o mês, com precisão.

Entramos na biblioteca, antes local de representações teatrais (Mme Staël teve lições de dramatização com a célebre atriz Clairon). As estantes pejadas de livros estão encimadas por bustos de homens célebres tais como Diderot, Virgílio, Homero, Rousseau...

Na mesa central vemos um cofre em madeira com a inscrição “*Pièces justificatives du Compte Rendu au Roi au mois de janvier 1781*”. Diremos hoje que era uma espécie de *saco-azul* que provia as despesas dos cortesãos favoritos do rei e da rainha, mas que Necker não abonava ao acaso; o que, segundo parece, muito irritava a rainha Antonieta.

Passamos ao quarto de Mme Staël, em branco

dourado. A decoração com cupidos, pombas, estrelas... abonam bem sobre o seu temperamento romântico. Para dossel e cobertura

do leito usaram-se as preciosas sedas de Lyon. O quadro de Mme Récamier “a mais bela entre as mais belas”, decora uma parede. Esta aristocrata parisiense, cortejada por Chateaubriand, era amiga íntima de Germaine que para se juntar ao “Grupo de Coppet” desrespeitava as proibições de Napoleão, o que lhe valeu uma ordem de exílio em Châtelons-sur-Marne.

Subimos, agora, a larga escadaria com o corrimão em ferro forjado. Na parede, uma pintura representando Luís XVI com o manto e insígnias da coroação e a inscrição “dado pelo rei” o que se subentende que Luís XVI agraciou com ele Jackes Necker. No segundo patamar está exposta a carta topográfica dos domínios da varonia. Entra-se, seguidamente na sala decorada com pinturas e desenhos de cavalos. A equitação foi sempre o desporto preferido de Mme Staël e de seus filhos. O busto de Wilhlem Schlegel, em cima da estante homenageia o trabalho que este desenvolveu como preceptor e professor de equitação dos três filhos de Germaine.

A sala das tapeçarias ostenta ricas peças manufaturadas em Aubusson (já desde o séc. VIII, os ateliês de tapeçaria desta cidade francesa se celebrizaram pela espessura da sua trama e pelos desenhos: florões, animais reais e míticos e uma luxuriante vegetação. Colbert, em 1665, concedeu a estes ateliês o título de Manufactura Real).

Parte do mobiliário desta sala já tinha decorado também os salões da residência parisiense, bem como os dois jarrões chineses que, paradoxalmente, foram decorados com motivos japoneses.



Pessoas

roteiros



Na sala dos retratos pontuam Jackes Necker, obra do pintor Duplessis e Mme Necker posando com um elaborado vestido de cetim branco de folhos e laços, do mesmo autor; John Rocca, oficial russo (segundo marido de Mme Staël), do pintor Bouvier; o varão Eric-Magnus de Staël-Holstein (primeiro marido da castelã), de Wertmüller.

Observando melhor a tela que representa Germaine de Staël, vêmo-la com o famoso turbante a emoldurar-lhe os negros cabelos encaracolados e a boca entreaberta como se conversasse para o intelectual “Grupo (de amigos) de Coppet”. O vestido, estilo império, de decote quadrado – sempre usou decotes quadrangulares – combina com o magnífico xaile de caxemira preto. Outro pormenor registado é o “eterno” ramo, que sempre trazia na mão (uma chamada de atenção para a beleza delas?).

Causava admiração, a postura e a inteligência desta mulher. Legou várias obras literárias e sobretudo um profundo conhecimento dos poderosos da época.

Mme de Tessé, frequentadora de Coppet, testemunha: “*Belle, laide? Je ne sais pas: elle parlait, je l'écoutais, je crois n'avoir jamais rien vu que ses yeux et sa bouche*”.

Outros recantos tem este castelo para descobrir e só uma visita com calma e guiada no-los pode desvendar.

Mme de Staël a grande dinamizadora cultural de Coppet repousa, com seu pai num recatado lugar, do parque do castelo. As visitas não são habituais a esse local porque faz parte das zonas privadas que os descendentes desta família reservaram para si. Crê-se que é o único castelo suíço que além de mostrarem a riqueza patrimonial de uma época, também serve de moradia permanente, aos proprietários.

Alguns espaços deste castelo podem ser alugados para recepções ou outros eventos o que deixa a possibilidade de, ao menos por algum tempo, comungar desta atmosfera romântica à beira do lago Léman.

Catarina Reis



Pessoas

Temos a certeza de que a **Pessoas** passa a fazer parte do seu dia-a-dia. Não perca tempo. Este é o cupão de assinaturas.

Preencha-o e devolva-o. **Já!**

Pessoas magazine – Case Postale 1877 – 1211 Genève 1

Nome/Non:

Morada/Adresse:

Código postal:

Tel.

Assinatura anual (Suíça) 20frs (Europa) 40frs

Assinatura anual de Apoiente frs

Brigada Ligeira

Já estamos no Outono, rodeados de folhas amareladas de queixas ainda esverdeadas.

*Já estamos a caminho do Natal, da lentidão das manhãs de Novembro
e dos nevoeiros de Dezembro.*

*Fique connosco mais uns meses, que nós gostámos da sua companhia
sabendo que gosta da nossa revista.*

*E se tiver queixas a fazer, faça-as com um sorriso porque nós achamos
que sorrir é tão importante como ser feliz.*

Faça um esforço para isso: sorria. Sorria sempre, mesmo que considere que o poder corrompe e que o seu clube favorito de futebol não dá uma para a caixa (ou para a baliza), que fica mas bonito. Viu como aqueles homenzinhos portugueses do rugby, davam à perna e ao peito? Viu como se fazem lobos a sério? Viu como eles cantavam o seu hino nacional, que até metia uma emoção no rosto marcado dos lobos maus? Viu como eram uns “coiros” duros de roer? Viu como o tal Scolari ainda tem muito que aprender se quiser, um dia, dar porrada (ou bordoadada, que é mais fino), em alguém? Viu como, mesmo assim, ainda há tipos mais lobos, mais cabras, mas bestas, mais galos, mas fortes do que eles? E viu como é preciso fazer para ganhar? Dar encontrões a sério, agarrar pelos colarinhos, pela camisola, pela canela, por onde quiser, para ficar à frente? Viu que só ganha quem atira a bola, um bocadinho, para trás para, depois, ainda ir mais longe? Viu, em suma, que só ganha quem é forte, bruto, manhoso e musculado?

Forte, nem sempre quer dizer gordo. Há magrinhos fortes e fortes magrinhos. Há pequeninos grandes e grandes pequeninos. E ainda há, ou houve uns “magriços” grandes, donos da bola e do jogo, quando os de agora correm atrás dos pontos para irem jogar o Euro 2008! E cada vez que se fala, se cita, se louva o euro, dá-me vontade de receber, em euros, o que o meu patrão me paga em francos. Se assim continuar, vamos

pedir um novo milagre à Senhora de Fátima para que acerte as contas entre o Banco Central Europeu e a Reserva Federal norte-americana. Dizem que a culpa é dos americanos, coitados. Eu estou convencido que, isto, são coisas do diabo, e que só uma força sobrenatural pode trazer-nos a salvação. Ter cem francos na mão ou no bolso, foi sempre ter dinheiro. Mas se tentar comprar cem euros lá lhe vão à vida os 100 franquinhos e, ainda, precisa de alinhar mais uns 70! Desta vez a culpa não é, nem do primeiro-ministro, nem do presidente, nem dos deputados, nem da RTP, nem dos conselheiros da comunidade. Não senhor. Diz-se que é da globalização da economia. E dessas coisas sabe o nosso ministro das finanças que promete aumentar o crescimento, diminuir o desemprego, diminuir a despesa pública, aumentar a receita de impostos e, claro está, pôr o país no bom caminho. O bom caminho que conduz os cidadãos até ao contentamento máximo, os políticos até ao poder, os sindicalistas até ao café e o país inteiro até ao céu. O ministro da economia agradece. E o melhor que pode acontecer a todos nós – sem pôr de lado os magriços, os lobos e todos os outros que enchem os estádios – é que o ministro tenha razão. Ficaríamos mais felizes com um grande sorriso de Outono no canto da esperança.

Genève

Consulado Geral de Portugal
 Cônsul Geral – Dr. Júlio José Vilela
 Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex
 Tel. 022 791 76 36 Fax 022 791 76 38
 Chancelaria: 022 791 76 33
 Serviços Sociais: 022 791 76 39
 Atendimento: 08h30 – 13h30
 mail@cggen.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
 Responsável Dra. Graciete Camejo
 Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex
 Tel. 022 798 87 66 / 67 Fax 022 798 87 68
 ensinoge@hotmail.com

Livraria Camões
 Bd. James Fazy, 18 - 1201 Genève
 Tel 022 738 85 88 Fax 022 738 88 37
 camoes@bluewin.ch
 www.livraria-camoes.ch

Hora Lusitana - 92.2 FM /cabo 98.6
 Emissão em Português na Rádio Cité
 A P I C - Association Portugaise
 d'Information et Culture
 Sábados e Domingos das 17.00h às 18.30h
 Tel. 022 309 09 58 Fax 022 309 09 69
 hl@horalusitana.ch
 www.horalusitana.ch

Banco Português e Investimento
 R. de Lausanne, 36 - 1201 Genève
 Tel. 022 906 17 90 Fax 022 906 17 93
 www.bancobpi.pt

MILLENNIUM BCP
 R. de Lausanne, 54 - 1202 Genève
 Tel. 022 908 38 48 Fax 022 908 38 45
 www.millenniumbcp.pt

Caixa Geral de Depósitos
 R. de Lausanne 67-69 - 1202 Genève
 Tel. 022 908 03 60 Fax 022 908 03 69
 www.cgd.pt

Santander Totta
 Rue de Genève 134 – 1226 Thônex-Suíça
 Tel. 022 348 47 64 Fax 022 349 82 44
 www.santandertotta.pt

Montepio Geral
 R. Terreaux-du-Temple, 9 - 1201 Genève
 Tel. 022 731 58 00 Fax 022 731 58 04
 www.montepiogeral.pt

Lausanne

Banco Espírito Santo
 Av. Montchoisi, 15 - 1006 Lausanne
 Tel. 021 614 00 14 Fax 021 614 00 15
 www.bes.pt - emigr@bes.ch

MILLENNIUM BCP
 Pl. Chauderon, 18 - 1002 Lausanne
 Tel. 021 320 99 32 Fax 021 312 46 34
 www.millenniumbcp.pt

S.E.P. VOYAGES
 Av. de Montchoisi 2 - 1006 Lausanne
 Tel. 021 601 08 30 Fax 021 601 08 31
 agence@sep-voyages.com

Sion

Escritório Consular de Portugal
 Chanceler - Rosa Paiva
 Atendimento: 08h30 – 13h30
 Av. du Midi, 7 - 1950 Sion
 Tel. 027 323 15 11/16 10 Fax 027 323 51 11
 mail@cggen.dgaccp.pt

Bern

Embaixada de Portugal em Berne
 Dr. Eurico Henriques Paes
 Weltpoststr. 20 - 3015 Bern
 Tel 031 351 17 73/74 Fax 031 351 44 32
 Conselheiro Social - Dr. Manuel de Matos
 Chancelaria: 031 352 73 49
 Serviços Sociais: 031 351 17 42
 mail@sceb.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
 Coordenadora - Dra. Madalena Silva
 Weltpoststr. 20 - 3015 Bern
 Tel. 031 352 73 49 Fax 031 351 44 32
 epse@bluewin.ch

Zurique

Consulado Geral de Portugal
 Cônsul - Dr. António de Antas de Campos
 Zeltweg 13 - 8032 Zurique
 Tel. 044 200 30 40 Fax 044 200 30 50
 Serviços Sociais: 044 200 30 44
 Serviços de Ensino: 01 361 33 32
 Horário: 08h30 – 14h00
 mail@cgzur.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
 Responsável Dra. Fernanda de Almeida
 Zeltweg 13 - 8032 Zurique
 Tel. 044 261 33 32s Fax 044 200 30 50

Rádio Lora - 97.5 FM - Emissão em Português
 Espaço Português - Zurique
 Sábado - das 15.30h às 17.00h
 Tel. 044 567 24 00 Fax 044 567 24 17
 www.lora.ch - programa@lora.ch

Rádio - Kanal-K - 92.2 ou 94.4 FM
 Emissão em Português
 Espaço Português - Aarau

Quinta-Feira - das 19.00h às 20.00h
 Tel. 062 834 90 80 Fax 062 834 90 74
 www.kanalk.ch - admin@kanalk.ch

MILLENNIUM BCP
 Wyssgasse, 6 - 8004 Zurique
 Tel. 044 296 60 40 Fax 044 240 50 45
 www.millenniumbcp.pt

ICEP-Portugal
 Zeltweg, 15 - 8032 Zurich
 Tel. 043 268 87 68 Fax. 043 268 87 60
 www.icep.pt - icep@icep.ch

TAP Air Portugal
 Gotthardstr. 56 - 8002 Zurich
 Tel. 043 344 38 88 Fax. 043 344 38 89
 tap.switzerland@tap.pt

Agência de Viagens Félix
 Dubsstrasse 47 - 8003 Zurich
 Tel. 044 450 82 22 Fax 044 450 82 20
 www.agenciafelix.ch

Jornais e Revistas

Boletim Informativo
 Lusitano de Zürich
 Birmensdorferstr. 48 - 8004 Zürich
 Tel. 01 241 52 15

Gazeta Lusófona
 Dir. Adelino Sá
 Postfach 3010 - 6002 Luzern
 Tel. 041 310 06 30 Fax 041 311 02 42
 a_sa@gazetalusofona.ch
 www.gazetalusofona.ch

Guia Info Shop
 Dir. Carlos Lopes
 Wasserfallstr. 72 A - 6390 Engelberg
 Telm.079 432 13 47
 www.infoshoppportugal.com

Luso Anuário
 Dir. Mário Pereira
 Case Postal 459 - 1226 Thônex-Suíça
 Tel. 079 775 62 88
 www.lusoanuario.com
 lusoanuario3@msn.com

Luso Helvético
 Dir. Ribeiro Santos
 Case Postal, 268 - 1030 Bussigny
 Tel. 021 701 95 61 Fax 021 701 95 64
 director@luso-helvetico.ch
 www.luso-helvetico.com

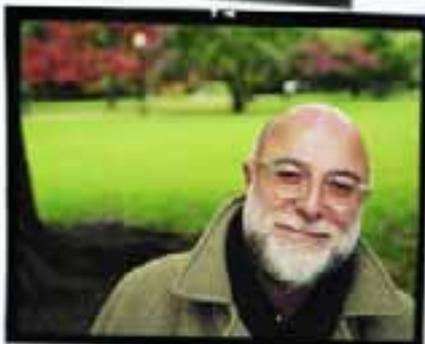
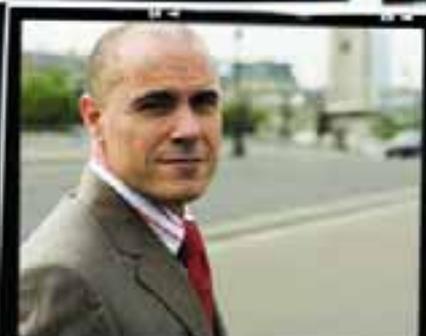
PESSOAS-magazine
 Dir. António Pinheiro
 Case Postal, 1877 - 1211 Genève 1
 Tel. 022 738 85 25 Fax 022 738 88 37
 pessoasmagazine@bluewin.ch

SOLUÇÕES PARA PORTUGUESES RESIDENTES NO ESTRANGEIRO

BANK?
BANQUE?
BANCO
É A CAIXA.

10 ANOS
SUIÇA
ESCRITÓRIO
DE REPRESENTAÇÃO

Rue de Leusanne, 67/69
1202 GENÈVE
Tel. 022 908 03 60/1/2
Fax. 022 908 03 69

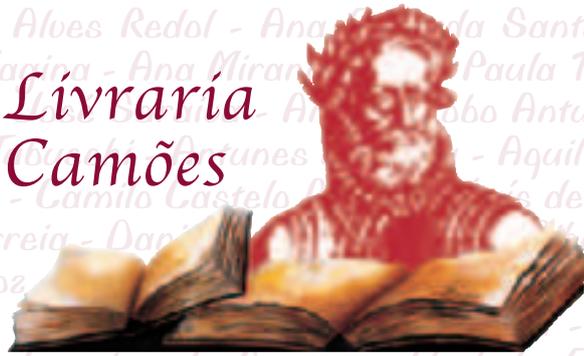


Caixa Geral
de Depósitos

HÁ MAIS NA CAIXA
DO QUE VOCÊ IMAGINA.

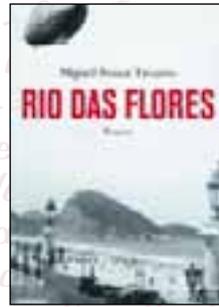
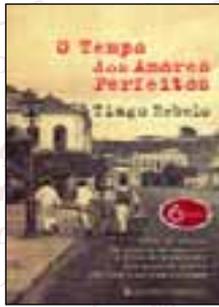
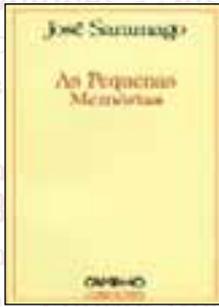
Portugal | Alemanha | Bélgica | Espanha | França | Holanda | Luxemburgo | Mônaco | Reino Unido | Suíça | África do Sul | Cabo Verde | Moçambique | São Tomé e Príncipe
Índia | Timor Leste | Brasil | EUA | Ilhas Caimão | México | Venezuela

Livraria Camões



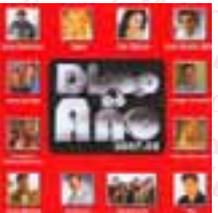
Concretize sonhos!
Ofereça livros!

Os dez mais



Música

Os Cinco mais



Literatura Portuguesa
romance, ficção, ensaio, investigação,
culinária, história, conto, aventura...
Manuais escolares e toda a música
portuguesa disponível em CD e DVD.

Visite-nos em:

www.livraria-camoes.ch